

# Mariana

O Livro dos minerais

mo maie



árvores  
memórias e  
reflorestamentos  
volume 3

Mo Maiê

Mariana  
O Livro dos minerais

# sumário



## reflorestamentos

**mestra rosângela**  
jaboticabeira /  
comunidade de gesteira 24

**mestra viviane**  
ipê amarelo /  
comunidade de barra longa 31

**mestre elias**  
árvore de mulato /  
comunidade de paracatu de baixo 39

**mestra thais e mestre carlos eduardo**  
mangueira e jaboticabeira /  
bento rodrigues e morro de sant'ana 48

## mariana, o livro dos minerais

**capítulo 1**  
o espírito do rio 63

**capítulo 2**  
a barca, o pilão, a bateia 78

**capítulo 3**  
tripuí, nascente de águas negras 93

**capítulo 4**  
magnetismos do vazio 105

**capítulo 5**  
muxima, a árvore do palavratório 113

**capítulo 6**  
dança das águas 122

*se formulássemos a seguinte pergunta a um verdadeiro tradicionalista afrikano: “o que é a tradição oral?”, por certo ele se sentiria muito embaraçado.*

*talvez respondesse simplesmente, após longo silêncio: “é o conhecimento total”.*

*o que, pois, abrange a expressão “tradição oral”? que realidades veicula, que conhecimentos transmite, que ciências ensina e quem são os transmissores?*

*contrariamente ao que alguns possam pensar, a tradição oral afrikana, com efeito, não se limita a estórias e lendas, ou mesmo a relatos mitológicos ou estóricos, e os griots estão longe de serem seus únicos guardiões e transmissores qualificados.*

*a tradição oral é a grande escola da vida.*

*e da vida, ela recupera e relaciona todos os aspectos.*

amadou hampaté bâ

## prefácio

é com muita alegria que publicamos a obra *mariana, o livro dos minerais* – o terceiro livro da série *árvores, memórias e reflorestamentos*.

lançada em 2021, essa série é formada por livros, e-books, fanzines, documentários e podcasts. trata-se de uma coletânea de obras relacionadas à oralidade, à transmissão de saberes e fazeres, à preservação de memórias, narrativas, estórias, cantigas, danças, lutas marciais e cosmogonias de diferentes povos e territórios da áfrika e da diáspora negra.

a tessitura desta série, que também é um memorial, está pautada na ideia do reflorestamento cultural - uma tecnologia social, artística, medicinal, que nasce da arte ancestral da contação de estórias e da escuta afetiva, através de fluxos de trocas e confluências entre rotas transatlântikas.

estórias escutadas debaixo de árvores, entoadas na beira do rio ou do mar, aos pés de uma baobá, no ventre de desertos, numa floresta, na mata, na mina, pelo mundo, vasto terreiro de griôs...

estórias de vidas bordadas, costuradas, cantadas em redes, entre tramas, fibras e linhas, encarnadas em cores minerais, vibrantes e vivas.

cada estória contada e escutada é como uma árvore plantada na floresta da memória dos tempos, as verdadeiras estórias dos povos, estórias transmitidas de geração em geração, de umbigo para umbigo, pela oralidade, pelo toque, pela pele, pelo som.

sangue, saliva, barro, segredo.

antigas palavras, lembranças, máximas, sonhos, fundamentos, causos, lendas, melodias, contos, sussurros, grunhidos, gestos, rituais, ideias e compreensões de mundo, sinapses bordadas com fios geo-bio-espirituais, icipós, biomas tecidos no ventre da terra, estórias guardadas pelos bairros e no broto das famílias, comunidades, vilas e grandes centros urbanos afro-pindorâmicos.

estórias trançadas entre galhos, caules, ramagens, emaranhados de letras formando sílabas, palavras, estradas, cordilheiras, arquipélagos, frases e livros vivos.

estórias tais quais sementes. mudas cultivadas em leiras e hortas. estórias parindo florestas. estórias tal árvores floridas, frutíferas, rasteiras plantadas em mandalas.

estórias selvagens, diversas, como as árvores de uma tropical floresta a fluir pelas veias, no chão, na terra, de onde emana a força sagrada da criação, que corre em todos os seres viventes.

estórias que vão se movendo entre rios, do carmo, doce, são francisco, paraguassu, zambeze, kwanza, nilo, al furat, djolibá, a banhar mil e uma vila.

e neste fluido caminhar, somos também rio entre rios, confluência de águas, correntezas, montanhas, baías, várzeas, pantanais e ilhas amazônidas.

cerrado, caatinga, zona da mata, água viva brotando da mina, escorrendo pela terra, nutrindo imaginários, plantando chuvas, colhendo ideias e arvoredos.

\*

em atmosfera de renascimento e reconstrução de mundos, surgem os primeiros volumes da série *árvores, memórias e reflorestamentos*.

*transatlântika, o livro de areia*, nasceu no senegal, em 2020, no início da pandemia que assolou o mundo. é uma obra que mescla poesia e prosa, levando leitoras e leitores ao encontro de culturas musicais e cosmopercepções afrikanas, tendo como fio condutor estórias sobre instrumentos musicais permeadas por escrituragens, reflexões e diários de viagens realizadas pelo brasil e pelo oeste do continente mãe (marrocos, senegal, mali, áfrika do sul), entre 2007 e 2020.

o segundo volume da série chama-se tempo, o livro das árvores. trata-se de uma compilação de poemas e transcrições de estórias de tradicionalistas, pensadoras, pensadores, artistas, mestras e mestres da cultura popular na áfrika e em abya yala (américa latina), a partir de encontros e conversas realizadas entre 2013 e 2021.

estes dois livros foram lançados em 2021, no formato de e-book. publicados pela andarilha edições, contaram com o apoio financeiro da lei aldir blanc bahia através do prêmio jorge portugal das artes 2020. estão disponíveis para download gratuito no site da editora andarilha (<https://andarilhaedicoes.com.br>) e no site da autora ([www.momaie.com](http://www.momaie.com)).

agora estamos lançando o terceiro volume desta série, *mariana, o livro dos minerais*, que tem como fio condutor memórias do ribeirão do carmo, ao longo de seu curso, desde sua nascente até o momento em que deságua no mar.

as memórias deste rio, que se transforma em rio doce, vão confluindo com estórias de águas, montanhas, minerais e personas, zeladoras das memórias, rituais e tradições de suas comunidades, em mariana, bento rodrigues, paracatu de baixo, barra longa e gasteira.

## introdução

nas raízes de nós e no ventre subterrâneo da terra, repousa denso magma-rizoma, armazém da memória solar, cósmica, natural, mineral, vegetal, animal. portal onde se comunicam, se fundem, entrelaçam, reproduzem códigos genéticos, partículas do tempo e dos desejos, átomos, raízes, veias, conchas, frequências sonoras, miçangas, algas e fios geo-bio-espirituais que nos conectam à essência da força das lembranças que compõem sangue e fundamentos ancestrais. saberes transmitidos através da oralidade, desde tempos imemoriais, por extensas linhagens familiares, comunitárias e territoriais.

o pensador renato noguera nos fala sobre as **tecnologias griô**, relacionadas com a antiga arte medicinal da contação de estórias, através da qual a narrativa é reconhecida como um modo de criação de mundos.

*griô opera com a narrativa como um modo de criação da realidade. isso é fundamental. griô opera com essa ideia. narrar é a possibilidade que nós temos de criar um mundo, de produzir realidade. então a griô, o griô têm esse papel, essa função, de ser guardião, guardião desse processo da narrativa, da compreensão do processo narrativo, da compreensão de que a gente*



*pode entender a vida como narração... esse é o papel da arte griô.*<sup>1</sup>

sentindo, degustando, refletindo. nos fortalecendo, digerindo, caminhando através do universo dos causos e estórias do mundo, vamos buscando nestas correntezas das palavras partilhadas nos reencontrar com esta que é uma das artes mais antigas da humanidade, sempre a cooperar com a reconstrução do equilíbrio e da saúde de nossas comunidades locais e globais, que vêm sendo brutalmente devastadas pelo deserto do esquecimento e pela fugacidade e volatilidade com que a vida vem fluindo na contemporaneidade.

no mali, existe um dito popular mandinga que nos diz que a palavra possui forças invisíveis.

sendo a áfrika um continente tão vasto, atualmente composto por 54 países, suas línguas estão vivas e cada um de seus povos e comunidades tem sua própria forma de preservar e transmitir seus conhecimentos ancestrais.

através da diáspora negra, nossas comunidades foram banhadas por saberes e fazeres herdados de diferentes povos do continente-mãe, que se misturaram com saberes originários da terra pindorama e também com saberes do ocidente e do oriente, gerando uma verdadeira ecologia de saberes e conhecimentos a permear jovens sociedades que ainda se encontram em tempo e estágio de construção/desconstrução/reconstrução.

momento em que urge a refloresta.

---

1 renato noguera no vídeo “sobre tecnologia griot” (canal do noguera, 2020).

no sentido contra-colonial, a oralidade representa a pedra angular sobre a qual se constrói o trabalho da griô e do griô – cidadãs e cidadãos *que se reconhecem e são reconhecidos por suas comunidades como herdeiras e herdeiros dos saberes e fazeres tradicionais.*<sup>2</sup>

griôs são depositários de antigos conhecimentos dos povos, pessoas que forjam a cura, a manutenção da memória e do equilíbrio social a partir do poder sagrado da palavra falada, cantada, anunciada, encarnada através de múltiplos ritos tradições e movimentos de reconexão com passado, presente, futuro, tempos poéticos e imaginários.

assim sendo, a palavra ‘griô’, que por muitas e muitos de nós ainda é desconhecida, se trata de um abrambramento de ‘griot, termo que define um amplo instrumental para buscar compreender o universo das tradições orais afrikanas e afro-diaspóricas<sup>3</sup>.

é helânia thomazine porto quem nos diz:

*a palavra griô tem origem na tradição oral afrikana, e é utilizada para designar mestres portadores de saberes e fazeres da cultura. segundo a griô adwoa badoe, os griôs contavam a estória de seu povo, em forma de poema ou canção. a palavra griô, ao ser incorporada à cultura brasileira, teve seu sentido ampliado, mas sem perder sua referencialidade, quanto à valorização de transmissão de saberes por meio da tradição oral. (...) a cultura na perspectiva griô não é dicotômica, não se explica o mundo fragmentando-o; ao contrário, aborda-o por todos os ângulos possíveis, explica-os por parábolas, analogias,*

---

2 trecho de “termo griô: conceito, história, tradição e reinvenção” (s.d.).

3 do artigo “as encruzilhadas do termo griô”, de mo maiê (2021).

*relações simbólicas e por experimentação*<sup>4</sup>.

como se diz no oeste de áfrika, cada pessoa enxerga o meio dia da porta de sua casa. são muitos os saberes e fazeres, bem como são muitas as possíveis formas de gerá-los, lapidá-los, transmiti-los e preservá-los.

é hampaté bâ quem nos explica:

*os grandes depositários da herança oral são chamados ‘tradicionalistas’. memória viva da áfrika, eles são suas melhores testemunhas, mas quem são estes mestres e mestras? em bambara, chamam-nos de doma ou soma, ‘conhecedores’ ou ‘donikeba’, ‘fazedores de conhecimento’; em fulani, segundo a região de silatigui, chamam-nos de ‘gando’ ou ‘tchiorinke’, palavras que possuem o mesmo sentido de ‘conhecedor’. podem ser mestres/as iniciados/as (e iniciadores/as) de um ramo tradicional específico (iniciações do ferreiro, do tecelão, do caçador, do pescador), ou podem possuir o conhecimento total da tradição em todos os seus aspectos. assim, existem domas que conhecem a ciência dos ferreiros, dos pastores e pastoras, das tecelãs e tece-lões, assim como das grandes escolas de iniciação da savana - por exemplo, no mali, o kore, o nama, o do, diarrowara, o nya, o nyaworole, etc*<sup>5</sup>.

considerando-se esta vastidão territorial, a riqueza e a pluridiversidade cultural do continente afrikano, não vale buscar compreender quem são, como são, onde estão, como vivem e trabalham as mestras e mestres tradicionalistas colocando-lhes num único bojo, como se fossem uma massa homogênea, lhes caracterizando de

4 do texto “a importância dos griôs na socialização de saberes e de fazeres na cultura”, de helânia thomazine porto (2016).

5 amadou hampaté ba, em “a tradição viva, história geral da áfrica I: metodologia e pré-história da áfrica” (2010, p. 175).

forma simplista como membros de uma ‘casta’. inclusive, este termo tem sido crescentemente atacado e apontado como uma distorção, fruto de uma leitura colonial das reais estruturas sociais do oeste afrikano.

em angola, são chamados de **soba. jèli**, para os mandinga. para os iorubás, **akapalo** (‘aquele que guarda e transmite a memória de seu povo’). em wolof, são chamados de **gégwél** (termo que significa ‘formar um círculo ao redor de alguém’).

por todo o continente afrikano tradicionalistas deixaram marcado seu lugar de confiança e continuidade na formação das culturas ancestrais locais, mesmo depois de tantos séculos de violações coloniais.

são os griôs que preservam as antigas estórias dos reis e dos povos; conhecem as árvores genealógicas das famílias; os significados dos nomes; os saberes relacionados ao cultivo da terra; as ciências de interpretar as constelações e estrelas do céu; o conhecimento dos cantos dos bichos na savana e das marés do mar ou do rio; as folhas que curam; as palavras que acalmam o coração; canções e simpatias; a forma de ajuizar as pessoas e apaziguar os conflitos; símbolos, ritos e festejos populares; o verdadeiro sentido do equilíbrio e da harmonia; os ritmos que fazem os espíritos dançarem, protegendo o mundo da matéria, que está em constante comunicação com o mundo espiritual.

tradicionalistas trabalham lapidando e transformando a essência do **niama** (a força vital) com a finalidade de promover e manter a consonância, para que o corpo comunitário possa desenvolver suas dinâmicas, com saúde, harmonia e continuidade.

na áfrika do oeste, as pessoas tradicionalistas exercem amplas funções em suas comunidades: são portadoras e portadores da tradição oral e das estórias; são músicos e musicistas; artesãos e artesãs; mediadores e mediadoras sociais; comerciantes; curandeiros e curandeiras; parteiras; e lideranças comunitárias compondo a trama do que, no antigo império do mande, se convencionou denominar **niàmàkálá** – uma realidade complexa e fascinante das comunidades tradicionais mandinga, que diz respeito às funções sociais, espirituais e políticas exercidas pelos comerciantes e também pelos especialistas dos antigos fazeres e saberes em suas coletividades.

dentro da estória do império mandinga, a presença do griô (jèli) é muito antiga, antecedendo o ano de 1236, quando seu papel foi politicamente institucionalizado através do pacto de **kurukan fugá de kangaba** realizado após a batalha de **kirina**, quando **soundjata keita** subiu ao poder, marcando o início da grande expansão do império do mande.

na ocasião, líderes e representantes de vários povos, famílias e comunidades se uniram para criar uma base civilizatória – a carta mandinga, ou **pacto de kurukan fugá** – reconhecida por ter sido dos primeiros documentos relacionados aos direitos dos povos que se tem notícia na estória da humanidade.

gestada oralmente, a carta mandinga foi criada na língua **bambara**, e preservada através da oralidade por séculos e séculos, tendo como finalidade constituir um pacto para que diferentes povos convivessem pacificamente entre si, em respeito, justiça, tolerância, colabo-

ração política e econômica, tendo como maior inspiração o juramento da confraria dos **donso** (ou caçadores), juramento este conhecido como **donsolu kalikan**.

através da confraria dos caçadores, a carta mandinga permaneceu viva pelas vias da oralidade ao longo de todos estes séculos, *preservando-se através de encenações, teatralizações, provérbios, gestualidades e musicalicalidades, com o objetivo de se encenar periodicamente o pacto de kurukan fugá*<sup>6</sup>.

nesta assembléia, foram denominados grandes grupos, sendo os principais: **tontdjon** (donso, caçadores, portadores de aljava e do arco<sup>7</sup>, lideranças guerreiras dos povos); **mansa** (reis, lideranças políticas dos povos); **morikanda** (marabôs, líderes espirituais) e **niàmàkálá** (comerciantes, conhecedores da estória, iniciados, especialistas, curandeiros, curandeiras, manipuladoras e manipuladores do niama – a força vital).

massa makkan diabaté traduz poeticamente o termo niama pela expressão ‘antídoto contra o mal’.<sup>8</sup>

djeli baba sissoko explica o termo niàmàkálá como algo que conecta as pessoas para que elas se entendam. é o poder de manipular a força motora do universo, e transformá-la em algo material ou imaterial.

assim, são niàmàkálá os forjadores e ferreiros (**nùmú**), que controlam os níveis de niama dos minerais; sa-

---

6 da tese de doutorado em história social: “a aljava e o arco, o que áfrica tem a dizer sobre direitos humanos. um estudo da carta mandinga”, de victor manuel de souza (2018, p. 7).

7 massa makan diabaté, em seu livro “janjon et autres chantes populaires du mali” [janjon e outros cantos populares do mali] (1970).

8 idem.

pateiros (**káráké**) e demais artesãos que conhecem os poderes de manipular a força vital retida no couro dos animais; os artesãos que trabalham a madeira (**kùlé**); os mestres e mestras da palavra (**fína, finè** ou **fùnù**); e os **jèlilu**, ou griôs, que possuem o dom das estórias, do canto, da música e da cura.

a palavra falada, cantada, encarnada, encantada, traz em sua essência o niama da verdade ou da mentira; da honra ou da enganação; da tranquilidade ou da perturbação.

os mandinga acreditam que as palavras possuem altos níveis de niama e os griôs costumam ser educados para conhecer este poder, para dar continuidade a tradições que seguem vivas até os dias atuais.

as pessoas niàmàkálá também conheciam os níveis perigosos da força vital – niama – e a manipulação que as redirecionavam à harmonia e ao equilíbrio – seja na natureza, seja na vida social ou pessoal. esta essência niàmàkálá nos ensina que, através do cultivo permanente das culturas, a ancestralidade se faz presente e o corpo-comunidade se fortalece. mesmo que possa parecer morta, a cultura ancestral sempre está se regenerando, se restabelecendo e, dessa forma, não perde os vínculos com as raízes nem o sopro da vida.

tudo isso pode parecer parte de realidades muito distantes e alheias às nossas próprias realidades, no entanto, estas tecnologias ancestrais se apresentam para nós como ferramentas de cura, evolução social e política muito apropriadas para este momento em que estamos passando.

momento em que estamos buscando nos auto-conhecer, enquanto vamos reconstruindo nossas comunidades atingidas, buscando reparar a natureza de nossos corpos-cosmos-territórios e regenerar nossas águas, montanhas e memórias.

mo maiê  
mariana, minas gerais  
julho de 2023

parte 1

# reflorestamentos



## mestra rosângela / jabuticabeira

comunidade de gesteira, barra longa.

eu sou rosângela de lourdes da silva. nasci e cresci em gesteira, na parte baixa. fui criada lá até os meus seis, sete anos, aí depois da enchente de 79, a parte baixa foi destruída e foi construída a parte alta aqui, de mutirão. a terra foi doada por um fazendeiro, e tudo foi construído pelos próprios moradores.

aí a gente veio pra cá em 81. aqui eu cresci, casei, tive meus filhos, trabalhei, aprendi muitas coisas com minha mãe, minha avó. aprendi a bordar, a fazer doces, kitandas, eu cresci vendo minha mãe benzer as pessoas, que minha mãe faz até hoje, aí sei algumas coisas, mas poucas.

eu vivo nessa comunidade.

aqui a gente é unido, tem a cooperativa de mulheres<sup>9</sup>, que a gente borda, faz kitandas, doces. a gente aprendeu a fazer essas kitanda, esses doces, na época de natal.

na nossa cooperativa têm 23 pessoas, e só um rapaz. ele

---

<sup>9</sup> o grupo chamado de 'cooperativa mista rural de gesteira', é um exemplo de união, positividade e resiliência em sua região. composto majoritariamente por mulheres no distrito de gesteira, local de pecuária leiteira e extensa produção caseira de doces e kitandas tradicionais. destaca-se o 'doce mole', um doce de leite feito em fogão à lenha, com sabor indescritível. reinventando-se a cada dia, essas pessoas se mantêm abertas ao futuro, buscando crescer e aprender cada vez mais.

é meu primo e mexe na parte de artesanato – faz as fôrmas das capas de canudinho, as gamelas, as colheres de pau.

quando a gente era mais nova, a gente ficava doida que chegasse no natal, pra gente tá comendo os doces, os doces curtidos, os doce de leite que as mãe, as vó da gente fazia. aí a gente ficava lá na beira da cozinha, do fogão, pra tá rapando os tacho de doce.

nisso a gente foi aprendendo, no ver a mãe da gente, as avó, as tia fazendo... e a gente vivia nas casas das pessoas que tava fazendo doce, de curiosidade, pra ver como é que fazia aquelas coisas. era muitas moça, muitas crianças.

a gente tinha vontade de tá aprendendo. e a gente acabou aprendendo.

depois da barragem, aí a gente fundou uma cooperativa que é de mulheres. a gente não tem o espaço ainda, mas a gente faz individual, quando tem encomenda. a gente faz tudo que é tipo de doce, de kitandas, que a gente aprendeu dos antepassados, de geração pra geração, né?

aqui é uma comunidade muito boa, muito unida. tem vez que a gente junta as pessoas e faz um bingo, com as próprias coisas aqui da comunidade, o bordado, a pintura no pano de prato, o doce, faz aqueles kit... aí a gente faz rifas, faz uma roda de conversa, a gente leva as coisas que a gente faz na comunidade, da comunidade, pra gente tá degustando. aí é isso...

eu cresci vendo minha mãe benzer o pessoal com um novelo. ela benze de tudo um pouco – destroncado; espinhela caída; sentimento. muitas crianças que minha

mãe benzeu quando era nova, agora traz os filho e os netos pra minha mãe tá benzendo. mal olhado; dor de cabeça; cobrêro.

porque antigamente a gente não tinha médico, era tudo benzição.

a gente tem as planta que faz o chá; o chá pra bronquite; o chá pra dor de barriga, essas coisa. a gente colhe dos próprios quintais e faz o próprio chá, né?

na lua nova é muito bom pra poder podar as plantas; eles falam que é muito bom poder podar na época de lua nova.

e também na plantação, na lua crescente, as coisa cresce; na lua cheia, os pessoal que falava, antigamente, meu avô que falava muito:

*ah, cê tem que plantar na lua crescente, que cresce; se quer que enche, tem que ser na lua cheia; pra tá podando alguma árvore, na lua nova que é bom, que brota, vem com os frutos – tem isso, também.*

eu lembro desde novinha, minha mãe, meu pai falavam muito disso.

foi assim que a gente aprendeu a plantar, a fazer os doces.

os figos são colhidos nos próprios quintais. a laranja; o doce de mamão ralado, curtido; o doce de laranja curtido; o doce de figo; tem a cidra, também, que faz o doce de cidra curtido. uma fruta que gosto é a jabuticaba, com a jabuticaba a gente já fez muito licor, geléia. o próprio pé do mamão, a gente ranca aquela parte do pé do ma-

mão, mesmo, sabe? a gente faz o doce com aquilo também. colhe mesmo nos quintais, né?

a gente cresceu na beira da cozinha, na beira do fogão, pra tá rapando os tachos de doce. aí a gente foi aprendendo, e a gente vivia nas casa das pessoas que tava fazendo o doce, de curiosidade pra ver comé que fazia aquelas coisa. aí era muito doce, era muita criança.

era assim...

foi depois da barragem que a gente teve a oportunidade de tá fazendo as coisas que a gente fez, pra tá levando em feira, através da cooperativa que foi aberta. aí a gente foi ver que os doces de leite, a capa de canudinhos, os doce que a gente fazia, os doce de abóbora, a gente podia tá levando, pra tá sendo vendido, pra ajudar a gente nas despesa.

porque a capa do canudinho, onde a gente coloca o doce mole, a fôrma dela é artesanal, é feita com pau de leite, cê já ouviu falar? uma madeira que a gente acha na mata e corta.

a minha tia que fazia, ela acabou de falecer, fazia as fôrmas pra tá enrolando as capas de canudinho, pra fritar, pra gente tá colocando o doce. a fôrma que é feita com o próprio pau que dá na mata. a gente tira aqui na comunidade. a fôrma de fazer a capa de fazer canudinho. uma tradição mantida pelas mulheres da comunidade. eu tinha uma tia que fazia, tinha uma menina que fazia, tem um tio meu que faz, também. a própria fôrma da capa de fazer canudinho.

antigamente, aqui as mulheres trabalhavam capinando roça. eu fui criada plantando milho, feijão, arroz, com



minha mãe, no meio do mato, nas roça, tava sempre plantando com meu pai, minha mãe ia pra ajudar, aí a gente foi crescendo no meio disso, né? e ainda hoje eu e minhas duas primas, direto a gente tá capinando o quintal, tá capinando cana pros outros. plantando feijão, arrancando feijão, a gente continua ainda...

mas agora, assim, não é todas pessoas que tão plantando mais. o povo começou a ficar coisa, aí a cooperativa ajudou a gente tá trabalhando, não mexendo com roça, mas com outros produtos, na parte de doce, na kitanda, nos bordados, nas pintura, nos crochês.

tem muitas jovens, mocinha nova, que é sobrinha, que é filha minha, que tá na cooperativa também. aí vai passando de geração pra geração. da minha mãe passou pra mim, agora eu tô passando pra minha filha, a minha irmã vai passando pra filha dela. muitos jovens tão tendo interesse de aprender. senão, daqui a uns dias, vai tá esquecido o doce; o doce de leite; a capa de canudinho; o doce de figo; o doce de mamão. aí ninguém vai tá querendo mais saber como é que faz, né?

a gente segue as receita de antigamente, né? eu faço a receita que eu via minha avó e minha mãe fazendo. as kitandas e os doces, também, pelo menos são as mesmas receitas delas. o fogão de lenha; a colher de pau; o tacho; a fornalha.

continua sendo isso aí.

além dos doces, até hoje eu faço muito chá pros meus netos. de manjeriçã, manjerona, guaco. tem a alfavaca, eu mexo muito com isso, ainda. eu faço muito chá aqui em casa. os resfriados é tudo curado com chá. é difícil



a gente ir no médico. faço bastante chá, mesmo. aí eu mexo mais com manjeriçõ. minha mãe tem plantaçõ lá, né? aí eu mexo muito com essas partes de manjeriçõ; a folha de laranja; a folha de manga; a folha de abacate.

meus menino, de novo, foi criado tudo à base de simpatia, de chá. se tinha bronquite, minha tia fazia um chá.

a minha tia maria francisca faleceu no ano passado, ela vivia sentada debaixo de uma árvore ali, fazendo a fôrma de canudinho de pau de leite, dia inteiro cortando os pau e fazendo as fôrma. ela gostava demais de fazer.

ela deixou muita coisa boa pra gente...

## viviane fernanda mendes / ipê amarelo comunidade de barra longa.

meu nome é viviane fernanda mendes, eu sou nascida e criada aqui em barra longa. moro na vila são josé, mais conhecida como “morro do cemitério” porque o cemitério da cidade fica aqui pertinho da minha casa.

a rua de são romero, onde eu moro, foi criada devido à enchente de 79, que teve aqui na cidade. foi quando moradores do morro vermelho perderam suas casas na enchente, ficaram desabrigados, e aí conseguiram, com a ajuda do servas e da igreja local, esse pedaço de terra aqui pra construir suas casas. aí minha mãe, que tinha perdido a casa dela lá no morro vermelho, veio pra cá e nisso a gente tá aqui até hoje, com a graça de deus.

eu trabalho como auxiliar administrativo da prefeitura, mas trabalhei muitos anos na paróquia da cidade e, graças a deus, tamos aí na atividade.

na época desta enchente que teve em 79, minha família ainda conta que foi um dos piores momentos que eles já tiveram. a casa do meu avô, onde minha mãe e meus tios moravam, se perdeu totalmente. caiu e eles tiveram pouco tempo pra sair de dentro de casa. quase perderam a vida e não conseguiram salvar nada, tiveram que

ficar na casa de parentes, né? pra depois conseguir esse espaço e vir pro morro.

no início foi muito difícil.

como não tinha casas, o local se tornava até meio assustador. agora, tem muitas casas, é um bairro grande, mas por um momento pra eles foi bem difícil.

sobre o marujo...

o marujo já está na quarta geração de família. iniciou lá com meu bisavô, e tem vindo passando, pelo pai do meu avô, meu avô e agora tá com meu tio.

desde pequenininha eu encantava com eles, quando eles ensaiavam, ou quando iam fazer apresentação. no grupo de marujo tem uma dança de trançar a fita no mastro e aquilo eu achava lindo, eu queria fazer parte daquele movimento, eu queria dançar a fita, eu queria aprender e aí eu entrei; como meu pai também fazia parte e tava muito enraizado na família, meus tios, meus primos, tudo dançando, então não teve muito como fugir também.

o que eu ouço contar da minha família, e até hoje, o marujo se reúne nas festividades da nossa padroeira, principalmente nos reinados, na festa de nossa senhora do rosário. nas fotos eu sempre via os integrantes todos da família, membros da família, com amigos próximos, parentes mais distantes, que fizeram e ainda fazem parte do grupo do marujo.

o forte do nosso grupo é a dança da fita, o pessoal gosta muito de ver nas apresentações porque nos congados que a gente tem em barra longa, graças a deus, a gente

tem mais congados, também, eles não têm a apresentação da fita.

a dança é um compasso, de um passo com um pé na frente, e outro atrás. à frente, atrás, à frente, atrás... a gente faz duas filas, aí o capitão, e o presidente, eles ficam no centro marcando. aí tem os instrumentos: o tambor, que é muito forte no marujo; os pandeiros e o canto, né?

e a maioria das músicas são em homenagem aos nossos santos. nossa senhora do rosário, o marujo daqui de barra longa se chama nossa senhora aparecida, então tem as músicas que homenageiam a nossa senhora aparecida, são benedito, aí a gente já vê que tem essa cultura do afro, mesmo, né? esses santos, santa efigênia... mas a gente vai em todas as festas religiosas de padroeiros.

o marujo tem o rei e a rainha, mas eles não saem em todas as apresentações, eles saem mais na festa do reinado que o marujo faz. de ano em ano, o rei e a rainha mudam.

a nossa veste é sapato branco, calça branca e camisa de cetim, que por muito tempo foi só vermelha. aí agora a gente tem a cor azul e amarela, mas por muitos anos, só foi vermelha. e temos também um chapeuzinho.

geralmente, nossa festa é feita na igreja da matriz, na paróquia. hoje em dia o marujo não tem feito muitas apresentações, porque a maioria dos integrantes ou morreram ou se mudaram. muitos dos nossos primos, outros rapazes e moças que faziam parte do grupo, foram morar fora, foram estudar fora, foram em busca de uma vida melhor, então eles têm ido e a gente não tem conseguido novos integrantes para poder participar.

como temos assim, que nem a dança da fita, que a gente precisa de doze pessoas pra poder correr ao redor do mastro, trançar a fita, então precisamos de uma quantidade maior de pessoas e infelizmente por agora, não estamos com pessoas suficientes.

agora, eu, viviane falando, acho que ainda a gente tem um certo preconceito com a cultura do marujo. por isso que às vezes fica mais difícil achar integrantes, porque as pessoas ainda não conhecem essa cultura. acho que às vezes é por não conhecerem a estória, a tradição, por isso as pessoas às vezes não valorizam muito, não queiram, porque foi acabando com o tempo. e o pessoal mais novo, que está vindo, talvez falta ainda uma certa divulgação, uma certa conscientização da cultura do marujo, e da importância que essa cultura tem pra gente.

de um tempo pra cá, a prefeitura tem ajudado mais. mas por muito tempo, a gente tinha dificuldade pra comprar instrumentos, pra comprar vestimentos, porque a gente não tinha apoio mesmo. não tínhamos apoio da prefeitura. então o quê que a gente fazia? nas apresentações religiosas que a gente fazia, recebia contribuições. aí depois de um certo tempo, quando juntava essas contribuições e tinha certa quantia já, aí o capitão comprava o pano pra fazer a roupa pra todo mundo. mas às vezes, dava pra comprar o pano, mas não dava pra comprar o sapato, então por muito tempo a gente teve essa dificuldade.

agora, em si, temos mais uma certa ajuda. mas quando vem essa ajuda, agora nos falta integrantes. há uns dias atrás, ficamos sabendo pelo presidente que tem até algumas pessoas querendo fazer parte do marujo, esta-



mos vendo de marcar um dia, pra ter uma reunião, pra ensaiar, e assim a gente seguir...

à medida que fomos perdendo membros, fomos ficando também bem acomodados. acho que falta isso do grupo, começar com o que tem e ir atrás de gente nova, pra levantar o grupo. isso é o que é o desejo, principalmente do vice presidente do grupo, o zé catraca, que também tem muito empenho em levantar o marujo.

o zé catraca é um grande amigo da família, meu tio zé geraldo até considera ele como um irmão e ele veio pro morro vermelho porque trabalhava próximo. então ele via os ensaios. na época do meu avô, os ensaios eram grandes acontecimentos no morro vermelho, quando muita gente se reunia pra ver os ensaios, porque tinha as danças. dizem que tinha uma dança com espadas também, que eles faziam, dançavam com uma garrafa na cabeça, dizem que era uma coisa muito bonita de se ver. infelizmente, eu não cheguei a ver, mas disse que juntava muita gente pra ver os ensaios. aí zé catraca costumava vir ver os ensaios, ele gostou e pediu meu avô pra participar, e desde então, ele começou a fazer parte do marujo. o catraca é uma pessoa muito ligada nas questões sociais daqui de barra longa, ele é radialista, também do a.a., ele tem uma estória de vida forte.

o rio do carmo...

como eu moro bem pertinho do rio, nas caminhadas da vida, sempre passei pelo rio do carmo. a gente também costumava pegar um peixinho no rio.

a minha família tem uma ligação muito forte com o rio. meu avô tirava ouro no rio, a família deles tiraram ouro também. a casa que eles moravam no morro vermelho

era quintal do rio. de um jeito... nós tivemos sempre esse contato com o rio. especialmente minha família.

a minha mãe fala muito da minha tataravó, temos esse relato. eles falam que ela era índia.

como minha vida tem essa parte de cultura, sinto que minha missão é levar pra mais pessoas um pouco mais sobre essa cultura, essa tradição, que acaba sendo da cidade.

meus trabalhos acabam sendo ligados nessa parte cultural, religiosa da cidade. faço parte do congado, que é uma tradição, trabalhei um tempo na igreja, que tem mais de 280 anos, são coisas que trazem muita estória.

acho que a própria população daqui de barra longa não conhece a beleza que tem essa estória, não valoriza isso. precisaria valorizar mais e mais essa cultura.

eu sou muito encantada com o ipê amarelo, se eu fosse uma árvore, acho que seria um ipê...

pro mundo, acho que deixaria a mensagem de que a gente precisa valorizar a cultura que a gente tem. conhecer, pra valorizar. conhecer e amar aquilo que vem com a gente desde muito cedo, antes mesmo da gente pensar em existir, e aquilo que é parte da gente. essas manifestações culturais, essas coisas que a gente traz, mesmo a gente não querendo, faz parte da gente, faz parte do ser brasileiro, a gente precisa conhecer e amar aquilo que é nosso.

o marujo faz parte da minha vida, uma tradição da minha família. mas o marujo é nosso, uma cultura nossa. então, vamos valorizar.

assim, nós cantamos no marujo:

*ao marujo de barra longa, da senhora aparecida,  
nós fizemos um pedido,  
nós já fomos atendidos, oiá...*

*o marujo passou na ponte, a ponte tremeu,  
com o batido da caixa, meu coração doeu, aiá...*

*nós viemos, viemos, nós viemos,  
nós viemos de beira mar:*

*é um laço de fita amarela, amarrado na ponta da vara,  
eu não posso tirar.*

## mestre elias / árvore de mulato

**comunidade de paracatu de baixo.**

sou elias geraldo de oliveira, nascido e criado aqui, em paracatu de baixo, ali do lado ali, naquela casa, onde meu pai adquiriu doze filhos. e nós continuamos aqui até os 48 anos, que é o que eu tenho agora. fui nascido, criado e moro aqui em paracatu e nunca saí daqui pra nada.

ali na casa do meu pai, a gente recebia os amigos, a gente tinha uma folia de reis, meu pai adquiriu e assim a gente continuou desde 8 anos de idade, acompanhando meu pai com a folia de reis, recadando dinheiro pra gente fazer as festas, todo ano a gente fazia uma festa de menino jesus ali. a gente guardava o dinheiro no banco, que arrecadava da folia, e esse dinheiro rendia um juruzim, a gente deixava no banco mais ou menos um ano. e depois, tirava o dinheiro, comprava o boi pra fazer a festa pro menino jesus, e meu pai sempre gostaria de ter festeiro pra fazer a festa. são doze festeiros. aí faltava dinheiro, os doze festeiros contribuíam com 50 reais cada um. a gente dava almoço pra umas mil pessoas, mais ou menos.

a gente tinha as banda de música de padre viegas, de passagem de mariana, monsenhor horta, os congados, tudo fazia parte aqui com a gente.

aí a gente tinha essa tradição.

aí meu pai morreu, e eu, mais os meus irmãos, fiquei responsável nessa tarefa, até nós também partir...

meu pai contou que a folia veio parar na mão dele, do pai dele, contaram pra gente essa estória. o pai dele passou pra ele, e sempre ele falava pra mim e pro meu irmão,

*não vamos deixar a folia acabar...*

e a gente tinha que tocar a folia. então eu, mais o nié e a maria geraldá, ficamos responsável a tocar essa folia.

aí, esse ano a gente tocou em todos distritos de mariana, a gente tocou em homenagem a ele, também, e fizemos a festa dele, demos almoço no encerramento da folia, que ele gostava. em setembro, agora, a gente vai dar almoço prumas mil pessoas, de novo. em setembro agora.

no momento da festa que ele gostava de fazer, a gente sente que ele tá presente, que ele tá satisfeito e tudo dá certo.

sobre a terra... nós perdemos a terra, não temos mais onde plantar nada. meu pai tinha horta, tinha galinheiro, tinha os animais dele, que ele gostava de mexer. e hoje aqui em paracatu de baixo não tem como plantar nada, né?

essas terra de minério não deixa a planta sair.

agora a gente vai lá pro reassentamento, mas lá vai ser diferente, lá a gente vai ter que comprar tudo. algumas casa tem espaço pra plantar, algumas casas. outras não tem espaço pra plantar um pé de árvore. a minha casa

vai ter espaço pra três mudas só, sendo que aqui tinha um território que a gente tinha banana, mandioca, capineira pra tratar de animais.

aquele dia foi só tristeza, nós perdemos tudo que tinha, perdemos a comunidade, perdemos as tradição, as festas, perdemos tudo que tinha.

agora eu e minha irmã, a gente tenta recuperar um pouco, plantar de novo uma raiz. igual, nós fizemos aqui a quadrilha, tamo fazendo festa, morre pessoas em mariana, a gente traz pra qui, pra não deixar acabar nosso lugar, pra ficar na memória da estória, entendeu?

naquele dia, de repente, surgiu um avião, um helicóptero aqui em paracatu. ninguém nunca tinha visto avião, aqui é um lugar pequeno, todo mundo ficou curioso. aí meu pai morava bem próximo ao campo ali, ele foi a primeira pessoa a chegar lá, correndo, aí nós também fomos ver o quê que era, aí eles falaram que a gente tinha dez minutos pra sair, porque a lama tava chegando em ponte do gama. aí conseguimos tirar o pessoal aqui, levamos lá pra cima, pra rua furquim, e desceu eu e mais duas pessoas ver a lama chegar. aí ela chegou, mas chegou em câmara lenta, passou um caminhão, passou máquina, passou vários equipamentos pesados, que emborcou na cachoeira, a lama represou e depois veio derrubando as casas, até chegar na rua furquim.

naquele dia, eu e minha irmã viemos na minha moto, entramos na igreja, e conseguimos pegar um santo antônio, padroeiro nosso aqui. conseguimos tirar ele antes da lama chegar. aí levamos lá em cima, voltei pra pegar mais gente, perdi minha moto na lama... mas foi muito

importante que a gente conseguiu pegar o santo antônio. ele tá na igreja de mariana, quando fazemos festa, a gente traz ele.

a bandeira da folia nós conseguimos achar ela em cima do telhado da casa do meu pai, sem uma gota de lama; a cruz de mais de 400 anos, o divino, achamos lá em cima dos bambus.

aí no outro dia, foi só choradeira, mais nada, todo mundo desesperado, tinha perdido tudo que tinha.

mas deus é muito bom, ganhamos muita doação, do mundo inteiro, roupas, mantimentos, e fomos muito bem ajudados, vou falar, pelo mundo inteiro.

quando todo mundo foi embora, eu fiquei aqui. foi um pouco difícil porque, depois da lama, tinha muita gente saqueando aqui. tinha sobrado muita coisa ainda nas casas, algumas relíquias foram levadas, tinha gente vindo de fora pra saquear.

aí eu pedi a deus que me desse coragem de ficar aqui, né? aí eu fiquei aqui sozinho, tinha ido todo mundo embora, depois que voltaram algumas pessoas. ficaram vários cachorros na rua, com fome, eu trazia pão, dividia com os cachorro, que o cachorro faz parte da família da gente, é um companheiro, um amigo. eu dividia meu pão com eles.

o nosso rio se chama gualaxo, passa perto de onde aconteceu a tragédia. por aqui, passou a lama, e do lado aqui passa o minério. uma coisa importante é que eles se encontram todos dois, lá em vitória. do lado de águas claras passa o minério. e aqui do lado nosso passou o rejeito.

hoje nos poços que a gente pescava, cê não vê um peixe. a gente comia do rio, usava o rio pra pescar, pra comer, e hoje ficou difícil até da gente comer um peixe, tem que ir lá em mariana comprar. mantimento, também. pra gente comprar essas coisas de comer, tem que ir ou em mariana ou águas claras pra comprar.

antigamente, tinha as pessoas que trabalhava com meu pai: lisboa e seu zé bernarda, que fazia parte da folia e ajudava meu pai. mas eles morreram e meu pai ficou sozinho nessa guerra. a cultura aqui é mais nossa família mesmo.

no nosso grupo de folia somos doze pessoas. eu toco sanfona, os outros tocam violão, os outros toca bumbo, e tem o palhaço da folia. o palhaço é que faz brincar com as crianças. cê chega numa cidade com a folia, numa comunidade, as criança quer ver o palhaço.

o palhaço vai divertir, vai brincar com as crianças, né? alegrar um pouco. porque o palhaço quer as histórias, né? a folia, sem palhaço, fica muito feio. aí, nós gosta de ter o palhaço pra alegrar. o palhaço chama mais pessoas pra ver a folia tocar, as crianças gostam, pra brincar as crianças. uma brincadeira sadia, né?

todo ano meu pai gostava de ter o palhaço. com respeito, pra entrar na casa dos outros. o palhaço tinha que pedir – não chegava e entrava.

é uma tradição com muito respeito.

tem várias folias aqui na nossa região, mas a nossa era muito querida. a folia nossa... igual esse ano passado, quando nós tocamos, as pessoas choraram por causa do meu pai, entendeu?



continuam dando almoço nas mesmas casas, pra nós... a gente continua tocando nas mesmas casas que o meu pai tocava.

nós tocamos num aniversário lá em Monsenhor Horta, ela faz aniversário dia 6 de janeiro, dia de Santo Reis. todo ano ela faz questão da gente tocar na casa dela. todo ano ela pedia e meu pai ia. então nós fizemos esse compromisso com ela e continuamos.

na nossa folia, até os meninos de seis anos continuam acompanhando a folia com nós. na família do meu pai, são todos empolgados. tem uns cinco sanfoneiros. se não tiver sanfoneiro, não tem essa folia, entendeu?

quando um não vai, o outro vai. um reserva o outro. e a gente já rodou Mariana toda.

antigamente, aqui não tinha médico, nós tinha que deslocar pra Mariana, aí a gente pegava o trem lá em Lavras Velhas... lá que pegava o trem. o pessoal saía daqui pra ir lá.

antigamente, não tinha funerária aqui, pra levar o defunto lá de Paracatu de cima, lá enterra aqui. são dois paracatus, Paracatu de cima e Paracatu de baixo. aí cortava quatro, dois bambu, assim, aí fazia a padiola, punha o caixão, trazia até ali na curva do sapo, ali que ficava as padiolas, a gente ficava com medo de passar por ali. e ainda fica com o dom de passar ali.

meu pai esperava, e dizia *jogue as padiola ali!*, aí traziam o caixão até aqui.

antigamente, aqui tinha uma reza da meia noite. saía várias equipes de gente, cada um de uma casa.



antigamente... cês vão saber agora de uma estória. antigamente, aqui tinha uma galinha que piava, de uma rua para outra, mas ninguém via essa galinha!

aqui tinha um tatu que andava e ninguém via esse tatu...

meu irmão veio de águas claras e viu gente rezando aqui nessa igreja, meia noite, aquele irmão que tava ali, quando vocês chegaram, o nié. meia noite viu gente rezando aqui na igreja, quando foi ver, não tinha ninguém.

isso é coisa de antigamente, não foi do meu tempo. isso vem passando de pessoas para pessoas, entendeu?

o cemitério era ali do lado, o cemitério era ali, depois que passou o cemitério pra lá.

aqui na porta dessa igreja já morreu duas pessoas. o avô do meu pai, que sentou aqui e morreu, entendeu?

umas estórias antigas, viu?

meu pai saía daqui pra ir em furquim buscar e levar o padre a cavalo pra celebrar a missa aqui. o padre gomes, de furquim. o pessoal saía pra buscar esse padre a cavalo. isso não é do meu tempo.

não tinha um rádio em paracatu. a única pessoa que tinha um rádio era um tal de zé tėti, que morava aqui. meu pai disse que foi o primeiro rádio que entrou aqui.

a igreja não era essa, era uma igreja antiga...

o campo de futebol era aqui de frente pra igreja, e a escola era aqui embaixo.

aqui tinha muito garimpo. várias pessoas garimpavam.

tinha um garimpo aqui que dava muito emprego, pra muita gente. a região foi muito boa pra ouro. o pessoal dava emprego pra várias pessoas daqui. aí depois acabou tudo.

tinha muita mulher que rezava, tinha benzedeira, tinha parteira.

as mulheres não iam em mariana pra ganhar menino, ganhava aqui mesmo. meu irmão fez uma poesia pra essa parteira daí, aí as pessoas não tinham que ir lá. era ela que fazia a maior parte das crianças, eu fui um deles, que ela fez parto.

de doze irmãos, eu fui o último. minha mãe morreu quando eu tinha seis meses de nascido. meu pai criou doze filhos, não deixou ninguém ir embora, criou todo mundo.

pras próximas gerações, várias pessoas, parteiras, morreram. a rezadeira ainda existe, porque minha irmã é muito rezadeira, ela incentiva ainda. mas algumas coisas tem como recuperar. benzedeira... seu zé bernarda, ele fazia parte da comunidade, ele benzia as pessoas. benzia de dor de cabeça, espinhela caída.

quando eu vejo as festas aqui eu fico lembrando do meu pai, das outras pessoas que tavam doente, e que estariam na festa, mas não podiam estar.

## taís e carlos eduardo / mangueira e jabuticabeira

bento rodrigues e morro de sant'ana.

**eduardo/** meu nome é carlos eduardo souza campos. aqui na região de mariana sou conhecido como eduardo campos, sou de família marianense de raiz. sou artista plástico, escultor, pintor, restaurador, professor; fundador e diretor do “museu minas”, que é um museu que resgata como começou a estória de mariana, contando essa estória através de artefatos que foram deixados ao longo do tempo, e muitos deles são ligados à cultura africana presente aqui na nossa região.

sou casado com a taís, que vai se apresentar pra vocês agora.

**taís/** meu nome é altair da silva campos, mais conhecida como taís. eu sou de bento rodrigues, filha de juventina da silva e luís cardoso da silva. fui nascida e criada em bento rodrigues. sou professora, sou casada com carlos eduardo, tenho onze irmãos e tenho uma filha chamada maria eduarda.

nasci em bento rodrigues, em 1975. de lá, aos três anos de idade, meus pais vieram pra mariana, pros nossos irmãos terem acesso aos estudos, né?

então nós viemos pra mariana. todas as férias, finais de semana, festas, a gente tava lá. meus parentes são todos do bento, meu pai era festeiro da festa de são bento. durante cinquenta anos a bandeira saía da nossa casa. então, eram momentos de festa mesmo, né? de alegria. as nossas tardes, os nossos dias no bento, a gente podia ficar livre, né? não tinha essa violência que tem hoje, a gente nadava nos rios, nas cachoeiras, subia nos pés de manga.

minha tia amélia, ela fazia os capitão.

quando chegava no final das férias, a gente chegava lá e ela fazia o capitão. o capitão era as sobras de comida que ficava, então ela fazia o capitão, assim, e a gente pegava e comia antes do almoço.

**eduardo/** eu, particularmente, conheci bento rodrigues em 1994, quando nós começamos a namorar.

então, ela me convidou pra ir na festa de são bento, e já nessa festa eu auxiliei o pai dela. ele fazia essa parte de show pirotécnico, que tinha após a procissão. então, juntava a equipe lá pra poder arrumar os fogos, inclusive no quintal, fazia a armação dos fogos e depois levava lá pra praça.

a partir daquele momento, eu passei a ajudar sempre na festa de são bento, o pai dela tinha muito envolvimento, não só na festa de são bento, mas na festa de nossa senhora aparecida e também na festa das mercês, aquelas festas tradicionais de bento rodrigues.

tinha uma comissão de festeiros da festa de são bento, tinha comissão de festeiro da festa de nossa senhora das mercês.

a festa de são bento, geralmente, acontecia dia 29 de julho e a festa das mercês, em setembro. então tinha toda essa coisa lá. essas comissões eram comissões tradicionais, pra fazer parte dessas comissões tinha que ter realmente envolvimento nessa comunidade. e por volta de 2009, 2010 por aí, eu passei a fazer parte dessa comissão de festeiros junto com seu filomeno, da comissão de festeiros de são bento. tinha todo um grupo de pessoas nessa comissão, aí eles conversavam, decidiam como é que ia ser a festa, dividiam as despesas, faziam todo o planejamento dessa festa.

então, as festas tradicionais de são bento estavam muito ligadas a essa questão religiosa católica, né?

**taís/** um mês antes das festas, a gente já começava aquela movimentação. aí comprava roupa nova, todo mundo de roupa bonitinha, e chegava lá.

aí pra servir a banda, a gente fazia os salgados em casa. a gente juntava pra fazer os salgados. aí quando chegava no dia da festa, a gente se arrumava toda bonitinha pra esperar a procissão sair. antes a procissão saía sempre lá de casa. a gente enfeitava tudo com bandeira. tem até fotos, depois dá vai mostrar. todo mundo com uma vela na mão, percorrendo as ruas do bento, aí depois eles hasteavam a bandeira, os fogos de artifício, era a maior alegria que a gente tinha.

**eduardo/** às vezes também a gente fazia lanternas, para iluminar as portas das casas, o adro da igreja.

as comidas, né? uma família de onze irmãos, então...

**taís/** minha mãe ficava empolgada e fazia aquele tanto de comida, porque chegava muitas pessoas de fora, né?

canjica, caldo, canjiquinha, a gente fazia o churrasco,

**eduardo/** fazia fogueira no quintal da casa, era uma coisa muito animada, os amigos vinham, né? a casa era pequena, mas cabia todo mundo.

**taís/** geralmente eu e ele, a gente chegava lá na sexta-feira. a gente já começava a fazer nossa festa, né? a gente começava a arrumar bandeirinhas, aquela meninada na praça, colando as bandeirinhas. umas pessoas ficavam lá na praça, outros na rua, outras ficavam dentro de casa fazendo as bandeirinhas, outros lá no fundo da horta bebendo.

**eduardo/** nossa lua de mel foi lá no bento. na época eu tava morando em fortaleza. nós casamos aqui, aí nós fomos pro bento. nós ficamos uma semana de lua de mel, na casa da mãe dela, no bento, onde infelizmente não existe mais, né? foi tudo destruído por causa da questão da lama, né?

então, foram boas vivências em bento rodrigues. bento rodrigues era um lugar muito especial pra gente. eu, por exemplo, fiquei 21 anos convivendo em bento rodrigues, de 1994 a 2015.

dia 2 de novembro, antes da barragem romper, a barragem rompeu dia 5 de novembro de 2015, a gente tava lá. foi o último dia que a gente viu bento rodrigues.

**taís/** minha mãe tava lá e antes de ir embora, minha mãe tava com uns cachos de banana lá na horta, né? aí ela falou assim:

*semana que vem, quando a gente voltar, a gente corta o cacho.*

aí ela virou pra trás, olhou se a porta tava fechada, parece que foi uma despedida... ela olhou a casa assim...

*sábado eu volto pra eu tá cortando a banana...*

o terreiro lá em casa era de terra batida. e naquele dia, ela varreu o terreiro varridinho, varridinho.

lá em casa tinha dois pés de mangas, eles eram centenários. uma copa encontrava com a outra. os troncos eram geminados. então deixava muitas folhas, né? então ela varreu varridinho, a casa toda arrumadinha, ela disse:

*sábado eu volto.*

e nunca mais a gente teve a oportunidade de voltar lá. hoje em dia, a gente...

lá em casa só sobrou a chapa de um fogão a lenha, de tudo que a gente tinha, de tudo que a gente viveu lá, hoje em dia tá tudo debaixo de lama, não tem mais nada.

**eduardo/** e a única coisa que sobrou lá, depois que nós voltamos, nós conseguimos identificar o fogão a lenha, que era onde a gente se reunia.

escavando lá, eu consegui ver a trempe do fogão. aí eu retirei a trempe do fogão a lenha, e ela tá guardada aqui em casa, justamente pra eu fazer um trabalho em cima daquilo ali, porque era um local de reunião, era um lugar onde toda a família se reunia. foi uma lembrança muito forte pra gente – essa trempe desse fogão a lenha, ela traz boas recordações.

**taís/** eu falo que se meu pai tivesse hoje aí, ele já tinha morrido também de desgosto, né?

**eduardo/** ah, é. muitas pessoas mais velhas que a gente conhece, no pós-tragédia, na situação dessa lama aí, as pessoas, principalmente as de mais de idade, elas tiveram depressão, a gente percebe que até hoje, mesmo no novo bento que tá lá, elas não conseguem se encontrar muito, não...

**taís/** minha mãe, hoje, o único lugar que ela vem e se sente mais ou menos como se fosse lá, mas não é igual, é aqui em casa. porque eu tenho um fogão a lenha ali, ela vem pra cá, ela cozinha o feijãozinho dela, ela toma um sol... porque hoje ela mora em apartamento, então ela não tem mais um lugar onde ir, onde passar o final de semana, entendeu?

então o rompimento da barragem acabou com uma estória, né?

**eduardo/** a gente percebe que a cultura do bento é uma cultura extinta. não vai voltar... o novo bento foi construído e tudo o mais, mas realmente ela não volta mais, uma cultura extinta, agora já é uma outra estória, já.

**taís/** não tem mais aquele convívio diário de todo mundo, né? igual o grupo “loucos pelo bento”, final de semana, eles se concentram lá pra extravasar, tipo desafogar dessa vida corrida, vivendo os dias de semana em mariana, então eles vão lá pra descansar a cabeça. eles não dão conta de ficar aqui.

lá, as nossas casas não tinham muro, era uma cerca, da minha casa pra casa da minha tia, a gente passava por um burquinho assim. a gente não precisava passar pela rua, a gente passava pela cerca. hoje em dia não tem isso mais. cê vê no novo bento, as casas tudo de muro alto,



como as pessoas vão ter contato uma com a outra? não tem como... igual, nós fomos lá outro dia, na casa de uma amiga nossa. é completamente diferente, não tem aquele ar rural mais...

**eduardo/** ficou muito urbanizado. era uma área rural que se transformou num alphaville, então o modo de vida realmente, acabou. por isso que eu falo que é uma cultura que realmente foi extinta.

então, sobre essa questão da festa de são bento, que agora está sendo feita dia 11 de julho, no novo bento, sendo que tem as pessoas do bento, parentes da minha mulher, amigos nossos que continuam a fazer a festa lá no bento antigo, no dia 29, da mesma forma que era feita antes, na tradição.

mas eu sinto que ficou uma divisão na própria comunidade. tem a festa no novo bento e a festa no bento antigo. eu convivi no bento antigo e tô vendo o novo bento. agora, eu sinto que a festa no bento antigo, até por causa do ambiente, mesmo ele estando destruído, tem mais a ver com o que era feito antes, na minha visão.

a primeira vez que a festa de são bento foi feita depois que aconteceu o rompimento da barragem e tudo mais... nós fizemos até uma festa de são bento, aqui, entre nós da família mesmo, aí no ano seguinte, eles fizeram a festa lá na igreja do barro preto.

eu, toda minha vida eu fui criado aqui em mariana, mas com relação à festa de são bento, parecia que eu tava num lugar totalmente desconhecido. foi muito estranho. parecia que eu tava num lugar que eu nunca vi na minha

vida, e eu tava dentro de mariana, mas fora da realidade que era a festa de bento rodrigues.

quem um dia iria imaginar que eu estaria vivendo a festa de são bento aqui dentro de mariana, num ambiente totalmente estranho à festa? e hoje, inclusive, mudaram o dia da festa, trazendo uma divisão entre a própria comunidade, né?

eu acho que poderia continuar sendo feita lá no antigo bento, como eles estão insistindo em fazer, pela questão do território, de você voltar pros seus ancestrais, né?

lá ainda tem o cemitério, então tem toda essa questão dessa volta às raízes, às origens, e isso não pode ser cortado assim, tem que continuar.

tem a igreja das mercês, que ficou no alto do morro, ela ainda ficou de pé, ela é um símbolo da resistência, né? ela não foi atingida, nem levada pela lama, ao contrário do que aconteceu com a de são bento, né? que foi totalmente levada. eles conseguiram resgatar algumas peças e eu fiz o trabalho de restauração dessas peças, antes do rompimento da barragem, junto com seu filomeno, que era o guardião da capela de são bento, e fez um pedido na época, pra eu fazer toda a restauração do acervo de imagens da capela. elas estão todas restauradas.

na época, nem a arquidiocese tinha noção direito de tudo que tinha lá na igreja de são bento. tudo era muito bem guardado pelo seu filomeno, também. ele era um exemplo de educação patrimonial, ele tinha essa coisa de preservação mesmo, do patrimônio e da cultura.

minha sogra sempre me falava de quando ela era criança, falava de dona maria bastos e seu zé bernardes, que

eram os antigos contadores de estórias de bento rodrigues da época da minha sogra.

tinha muitas estórias e lendas em bento rodrigues, tinha a lenda da cuia, que saía lá do morro do fraga, ela saía pulando, ia no armazém, eles colocavam cachaça nela, ela voltava pulando... tinha a lenda da noiva da ponte de camargos, ela não queria se casar, naquela época que os casamentos eram arranjados, e ela se suicidou na ponte de camargos. e depois disso passou a assombrar aqueles caminhos da estrada pra dentro da ponte, onde muitos tropeiros sumiram. diziam que era ela que levava os tropeiros.

e também tinha o caso que eles contavam lá de uma santa afrikana que tinha no bento... uma santa que era escravizada, e depois pesquisando descobri que essa santa que o pessoal falava lá era a rosa egípcia, que veio da áfrica, foi comprada pelo capitão durão, pai do frei santa rita durão e, na porta da igreja de são bento, essa mulher teve uma visão, uma visão de que estava amamentando o menino jesus e aquela coisa toda.

rosa, ela se prostituía, tinha toda essa questão, depois dessa passagem em bento rodrigues, ela começou a falar línguas diferentes. foi pra são joão del rey, também se envolveu com o padre gonçaves lopes, que era conhecido como “enxota diabos”, um padre que era exorcista.

depois ela foi morar no rio de janeiro, depois foi pra portugal, e ela teve essa passagem por bento rodrigues, santa rita durão... então quando eu fui conectar as estórias que eram contadas no popular com as estórias de livros escritos sobre a rosa egípcia, fiz a ligação que era ela a santa afrikana que tinha vivido em bento rodrigues.

e esta é uma das histórias que conto no meu livro “uma visão sobre bento rodrigues: histórias, memórias e causos”, que foi um livro que escrevi. lancei um ano depois da tragédia, justamente porque quando aconteceu a tragédia, estourou a barragem, aquela coisa, tinha muito pouca informação sobre bento rodrigues, todo mundo estava procurando e não achava registro de nada. e hoje tem até um aluno da ufop usando o nosso livro como base pro doutorado dele.

então, quando escrevi o livro, foi uma forma de preservar essas memórias e histórias, a história dos antepassados da nossa família, as histórias de bento rodrigues.

uma coisa parecida com o que eu fiz aqui no “museu minas” – o primeiro museu referente à fundação de mariana, que conta também sobre a participação dos afrikanos na construção da cidade. na verdade, eles que foram os construtores da cidade. aqui você tem as ferramentas, cerâmicas, que eles usavam, peças do cotidiano.

quando eu vim pro morro do sant’ana e comecei a construir minha casa, eu recebo as chaves da antiga igreja de sant’ana, que era um patrimônio antigo, que foi destruído e levado para belo horizonte.

quando estas imagens voltaram de belo horizonte, eu doe a imagem de sant’ana, e três meses depois, meu pedreiro estava trabalhando na fundação do muro, quando passou uma senhora aqui e deixou essas chaves pra gente.

quando eu cheguei e vi as chaves, dependuradas onde hoje é a minha sala, eu logo vi que eram chaves de igreja. o pedreiro falou que tinha sido uma senhora que deixou,

a gente nunca tinha visto essa senhora, ela nunca mais apareceu, nem nunca mais voltou... aí depois, mostrando as chaves pro seu nhonhô, pro chinês, eles a reconheceram como as chaves da antiga igreja de sant’ana do morro, e contaram as histórias de que essas chaves tinham sumido... então foi por reconhecimento de antigos moradores daqui do morro do sant’ana, dessas chaves como antiga chave da igreja de sant’ana do morro... inclusive o chinês já até faleceu.

essas chaves abrem as portas pra gente fazer o museu, e a partir daí eu começo a encontrar outros artefatos, como cachimbos dos afrikanos escravizados, vidros de remédios, fragmentos que vão contando essas histórias de como foi a vida dos afrikanos aqui.

eles trabalhavam nos brunhidos, onde era brunhido o material aurífero pra apurar o ouro, que financiou a construção de mariana. eu falo assim que os afrikanos e afrikanas são as pedras fundamentais de mariana porque por eles passou todo o ouro que financiou a construção de mariana e até a revolução industrial na inglaterra, né?

aqui pertencia a antônio pereira machado, que foi o doador da sesmaria, onde se ergueu mariana, que foi elevada à condição de vila de nossa senhora do carmo.

ele era o homem mais poderoso da região e morava aqui, no morro sant’ana.

na época, eram mais de 22 mil afrikanos escravizados vivendo e trabalhando aqui em mariana, na produção do ouro.

\*

\*

*na época, eram mais de 22 mil afrikanos escravizados vivendo e trabalhando aqui em mariana, na produção do ouro, nos disse eduardo.*

\*

e agora, depois do 5 de novembro de 2015, vieram mais de 22 mil homens e mulheres de várias partes do brasil pra reconstruir mariana, bento rodrigues, paracatu de baixo, barra longa, gesteira.

parte 2

## mariana, o livro dos minerais





## capítulo 1

### o espírito do rio

... no que **makota valdina**<sup>10</sup> disse, ao tocar o chão:

*kavungo é tudo, kavungo é a terra,  
nós somos a terra, nós somos essa química que é a terra,  
essa química que é remédio, química que é alimento,  
química que todo ser terreno precisa de ter -  
a gente precisa viver.*<sup>11</sup>

---

10 a educadora valdina de oliveira pinto, mais conhecida como makota valdina, foi uma das principais ativistas contra o racismo e a intolerância religiosa no brasil. professora da rede municipal, em salvador, fez parte do conselho estadual de cultura da bahia, onde sempre defendeu a preservação das culturas de matriz afrikana. em 2013, makota publicou a primeira edição de seu livro “meu caminho, meu viver” (pinto, 2015). a educadora faleceu em 2019, após uma parada cardíaca, aos 65 anos.

11 trecho do vídeo “retrato da mestra makota valdina”, disponível no canal ‘saberes tradicionais ufmg’ (2019).

olhai-as enquanto vivem...<sup>12</sup>

a silhueta das belas montanhas esculpia ondas e ecos de movimentos na paisagem.

por detrás das sombras projetadas no horizonte, uma explosão de luzes emanava seus matizes de azuis e laranjas, tal candelabro, a iluminar toda a ambiência dali do são gonçalo, até o outro lado da costa da prainha de santo antônio.

mariana, coração de mina.

o sol descendente coroava o céu, fazendo dançar na terra as águas do rio do carmo, enquanto o dia se recolhia para uma noite de sonhos.

*nós somos o rio doce*, disse **ailton krenak**<sup>13</sup> – e enquanto eu

---

12 o capítulo “o espírito do rio” abre o livro dos minerais trazendo uma explícita referência ao poema de carlos drummond de andrade ‘olhem bem as montanhas’:

*olhai as montanhas, mineiros,  
como o itacolomi dos inconfidentes,  
vós que vos omitis, olhai-as enquanto vivem pois,  
em centenas de vagões, como urnas funerárias,  
vão sendo levados pelos seus pedaços, inermes.*

13 ailton krenak é um pensador, ambientalista, filósofo e escritor do povo krenak. nasceu na altura do médio rio doce, em itabirinha (minas gerais). desde os anos 1980 luta pelas causas indígenas. é doutor honoris causa pela universidade federal de juiz de fora (ufjf) e pela universidade de brásilia (unb).

caminhava descendo para o centro, escutando o canto do ribeirão, me lembrava daquelas palavras, ao mirar as estrelas no céu.

meus pensamentos serpenteavam, acompanhando o espírito do rio, que corria abundante e livre, desde tempos imemoriais.

são corpos d'água – o rio e o mar,  
mas também são espíritos.

antigos espíritos que reluzem nas noites de lua cheia, impregnados pelo perfume de flores nativas rasteiras, trazidas pelo vento a gingar entre folhagens, árvores e capoeiras, reavivando pegadas invisíveis que, há tempos, foram impressas no chão.

pegadas que permaneceram escondidas debaixo da poeira, gravadas nas pedras, sinalizando velhas rotas de fuga, caminhos secretos, originários, kilombolas, trancados na paisagem, entre encruzilhadas e blue notes.

pegadas que ainda hoje seguem correndo pelas margens e matas ciliares, acompanhando o ribeirão do carmo, suas nascentes, crescentes e afluentes, a nos lembrar do que não podemos mais esquecer.

\*

sempre que posso, gosto de passear na beira do carmo, aconselhando-me com as melodias de suas águas.

seja aqui perto da antiga ponte de madeira, ou seja lá pelos lados do barro preto – onde nasci –, tem dias em que paro por um instante, e me ponho a imaginar como era essa terra na outrora dos tempos.

neste trabalho de reflorestamento do imaginário e das memórias, eu vejo muita gente... vejo o rio, e seu olho d'água me vê. suas águas se transformam num fluido espelho. é assim.

enquanto eu sigo caminhando, é como se o tempo voltasse, e eu ainda pudesse escutar a voz de minha avó a sussurrar com firmeza, a benzer minha filha, entoando palavras cantadas, em rimas, enquanto cruzava, descruzava, cruzava, alinhava várias vezes a linha, o linho, bordando o ponto, cozendo o rezo, tecendo o canto, fechando o corpo, firmando o credo,

enquanto eu corro o rio.

então, me vejo refletida nas vestes de seu leito. nossos olhares se surpreendem.

paramos, sorrimos, nos miramos, passamos, seguimos - estamos envelhecendo...

suspiro, elevo a cabeça e sigo.

cruzando a ponte, se vejo – ao longe – alguém que me traz lembranças muito fortes, logo respiro e sigo meu caminho, o rio segue seu curso, meu caminho segue seu rio. é assim...

pela manhã, abro a janela e de repente escuto o apito do trem, invadindo todo o espaço ao seu redor. pelas ladeiras, molekes empinando pipas, moços, moças, idosos, carros e carroças que sobem e descem, caminhando confiantes no calçamento de pedra sabão.

enquanto escuto o som das águas frias e transparentes do velho ribeirão, fecho os olhos e logo, casas, carros, ru-

ídeos – tudo desaparece. só as montanhas que ficam, e o som de pedrinhas miúdas correndo pelos riachos.

de olhos fechados, dentro do escuro que ilumina, eu sigo lavando os seixos de minhas memórias, enquanto sou transportada para dimensões atemporais, onde posso acessar minas e armazéns de lembranças, sons, imagens em movimento e árvores do palavratório.

(onde a consciência canta aos ouvidos da alma.)

era tempo de inverno, e cada dia era um novo espetáculo luminoso – mil nuances de cores que davam vida dinâmica aos céus de mariana.

era o brilho do sol e era o brilho do rio, cercado pela presença solene de abacátêros, palmeiras, samambaias, licuris, bananeiras e pés de jussara.

cá do alto,  
revoadas de  
andorinhas e  
pássaros  
nativos,  
a sobrevoar  
as águas correntes,  
a correr entre rochas minerais  
morros, lagos, trilhas, cachoeiras

brilho, brilhas,  
mariana

brilhamos.

cruza  
ndo o rio, vamos.

e um falcão solitário sobrevoava o firmamento.

lá embaixo,  
o rio era como um filete de água, como uma jibóia  
a circundar a raiz visível das montanhas.

na zona da mata,  
o caminho era todo salvaguardado  
por ipês selvagens, quedas d'águas  
e onças pintadas.

era ouro brilhando das alturas de verdes vales;  
era ferro correndo dentro de nossas veias;

era ouro lampejando na profundidade de precipícios,  
nos veios elétricos que nos levavam ao bucho da terra.

no fim da tarde, maritacas e araras verdes cantavam  
em bando,  
ao redor de um ipê cor-de-rosa.

com os pés e pernas dentro do rio, um homem alinhava pedrinhas de diferentes tamanhos, formando uma linha que cruzava com a correnteza, desenhando nas águas do ribeirão uma pequena represa.

todo dia seu bento vinha garimpar naquela curva do rio, com sua velha bateia.

aproveitando as últimas réstias do sol, ele ia movendo os braços, enquanto cantava:

*a coroa do rei tombou, a coroa do rei tombou, tombou, tombou, deixa tombar... no balanço que veio do mar...*

mesmo sem saber, seu bento ia represando o próprio tempo, garimpando o tempo em sua labuta, enquanto ia ajeitando as pedrinhas em fileira pra reter as águas do rio, se lembrando de quando ainda era moço, a caminhar sobre a ponte que cruzava o rio.

ele era tão lindo, o rio do carmo, e ainda tinha a força do ouro que corria em seus veios subterrâneos, como um patuá.

no alto rosário, dava pra ouvir o repique dos sinos a bater, dobrar, ressoar em **pretas claves**<sup>14</sup>.

era o tempo a dançar,  
na torre do monumento,  
enquanto o sino entoava.

mariana, oração de mina.

por dentro do dourado templo, nos miravam santas e santos,  
enquanto um forte perfume de mirra invadia a capela dos negros.

---

14 em algumas cidades estóricas do interior de minas, como mariana, são joão del rey e ouro preto, a tradição de toques dos sinos continua preservada, a despeito do avanço tecnológico do mundo contemporâneo. no entanto, há que se cuidar com mais atenção desta antiga tradição para que não caia no esquecimento das novas gerações. hoje em dia, em mariana, é a igreja do rosário a que melhor preserva os toques antigos, passados de geração em geração, através da oralidade. fazendo uma análise da riqueza rítmica destes toques, é possível perceber fortes influências afro em sua essência. o que não nos causa espanto, haja vista que, no século viii, por exemplo, quase todos os sineiros eram afrodescendentes. segundo o dossiê do iphan (2009) sobre este ofício em minas gerais, vários nomes de toques de sinos que existem até hoje designam também ritmos do candomblé e da capoeira. há que se cuidar dos sinos, dos sineiros, desta antiga tradição e da linguagem que fazem parte da paisagem sonora de vila do carmo e da memória afetiva de muitas gerações.

sentadas em duplas fileiras de cadeiras,  
lá estava o corpo holográfico das comadres  
e compadres da irmandade do rosário,  
de santa efigênia e são benedito.

oravam de mãos postas,  
sussurrando palavras encantadas,  
enquanto cruzavam  
e descruzavam os dedos  
defronte do plexo solar.

francisca ferraz de azevedo  
rosa dos santos  
rita ribeiro  
francisca mina  
ana de angola,  
domingos de souza courano coelho

irmãs e irmãos da costa,  
trançando mandinga,  
com suas conchas, **kalundus**<sup>15</sup> e patuás.

(e pelas  
paredes,  
anjas e  
anjos  
barrocos,  
voando,

---

15 palavra de origem bantu, 'kalundu' quer dizer 'obedecer um mandamento, realizar um culto invocando os espíritos, com dança e música'. os kalundus foram das mais antigas práticas espirituais de raízes africanas cultivadas no brasil, e tiveram forte presença na região de mariana e distritos, quando eram realizados rituais de incorporação, fortalecidos por batuques e danças. conta-se que, no arraial de paracatu, a courana josefa maria courá marcou estória com suas rezas e a famosa 'dança de tunda', por volta de 1747. geralmente, os rituais eram realizados em residências.

e gárgulas,  
dragões chineses,  
pintados em policromia,

e sua voz  
como um eco,  
ressoando  
em meu  
pensamento,

era o sino a me lembrar...)

nos andores carinhosamente colocados no vão da porta de entrada da igreja, tinha santos de madeira de lei, santas de madeira de cedro, **santos de roca**<sup>16</sup> e candelabros de pedra sabão.

nos falou **mestre paiva**<sup>17</sup>

*santos de madeira de roca,  
só com cabeça, mão e pé,  
e outra hora, só com mão e pé,  
igual um **catitão da chácara**<sup>18</sup>,*

16 'santos de roca' eram estátuas sacras feitas na época colonial, em mariana. um santo de roca costumava ter apenas as mãos, os pés e a cabeça feitos de madeira, tendo na parte de dentro da estrutura do corpo uma armação oca, feita para colocar a roupinha do santo, dando a impressão de que a estátua estivesse com o corpo completo.

17 nativo de mariana, mestre paiva começou sua carreira como artista esculpindo numa tábua de carne da sua mãe. seu trabalho é inspirado nas obras do aleijadinho, josé coelho de noronha e xavier brito. suas esculturas retratam querubins, anjos músicos, serafins e imagens de santos. *você pode me chamar de santeiro, se quiser, não me importa. o que vale mesmo é a paixão que tenho pela arte de criar*, disse mestre paiva.

18 os 'catitões da chácara' fazem parte do grupo do 'zé pereira da chácara', fundado em mariana, no século xix, sendo um dos mais antigos do país. acompanhados de uma orquestra animada, seus bonecos são feitos com armação de bambu, taquara, papel marchê e enfeitados com tecidos coloridos. compõem o

*eu mesmo já fiz duas 'nossas senhora das mercês' de roca,  
e por sinal me chamo 'das mercês'.*

*uma vez esculpi umas réplicas do aleijadinho.  
copiei a arte que ele fez, não foi uma criação minha...*

*fiz prum padre lá de ouro preto,  
e já fizeram várias procissões com ela.*

enquanto um anjo de corpo inteiro entalhava,  
no terreiro de sua casa:

*quando estou esculpindo, eu deixo de ser eu. outro dia minha filha entrou no ateliê quando eu tava trabalhando e nem me reconheceu. quando a gente tá esculpindo, pintando, se abre um canal direto de comunicação entre a gente e os antigos mestres, tudo isso eles vão ensinando pra gente, se a gente se abrir pra aprender. o barroco é o exagero das formas, o drama, a dança da luz e da sombra.*

lá do alto da torre da igreja do rosário de vila do carmo, o sino seguia replicando, a desdobrar seu lamento.

a luz da manhã abraçava a ambiência, e o escultor paiva, chamado de zé, caminhava lentamente ao redor da escultura do anjo que nascia à sua frente, ao toque do seu formão. um cheiro de café e de manjerição tomava conta do ateliê, enquanto a goiva do mestre entalhava a peça de madeira com calma e precisão.

*minha avó era baiana, veio de feira de santana, e me ensinou que toda espiritualidade tem dois lados. tem gente que segue*

imaginário e a tradição nas festas de carnaval na cidade, desde 1852.

*um lado, ou os dois lados. eu escolhi fazer os anjos, e quando estou esculpindo um anjo gosto de escutar boa música... a música tem forte influência no trabalho com a madeira.*

e o sino  
a dobrar  
o tempo  
em ritmos,

velhas ressonâncias  
sopradas pelo vento,  
nos ritos.

mas, na língua dos sinos,  
em vila do carmo,  
este toque a soar,  
não era um toque comum,  
era um toque de mortificação!

bléeeiiimmm...  
bléeeiiimmm...  
bléeeiiimmm...  
bléeeiiimmm... bléeeiiimmm... bléeeiiimmm...  
bléeeiiimmm... bléeeiiimmm... bléeeiiimmm...  
bléeeiiimmm... bléeeiiimmm... bléeeiiimmm...  
bléeeiiimmm... bléeeiiimmm... bléeeiiimmm...  
bléeeiiimmm...  
bléeeiiimmm...  
bléeeiiimmm...

exacerbadas, com seus vestidos de luto, as **capoteiras**<sup>19</sup>

19 *originou-se tal denominação ao epíteto dado às velhas beatas, fanáticas profissionais que, vivendo a rezas e intrigas, vigiam em toda a cidade a vida alheia, notadamente a dos padres, moças e viúvas. usavam invariavelmente trajes pretos e por sobre os ombros,*

se moviam freneticamente, empurrando as pessoas que acompanhavam o cortejo, dizendo:

*abram caminho  
pro senhor  
dos passos  
poder passar!*

do alto do rosário, em procissão, lá vinha o corpo do senhor morto, num caixão. deitado numa urna de jacarandá ricamente adornada com preciosas pedras, o corpo estava envolto numa colcha de linho, rendas e pura seda.

descendo a ladeira do rosário, ao som de trombones e trompetas, solenemente a procissão parava pelo passo da paixão.

depois de uns instantes de silêncio, o povo retomava a caminhada, para se encontrar com o andor da santa maria, que lá da chácara vinha.

o som das **matracas**<sup>20</sup> ressoava pela paisagem, marcando os passos das pessoas que passavam cantando pela cidade velha, com suas lamparinas nas mãos.

adornado com uma coroa de espinhos banhada a ouro, lá ia o corpo do senhor morto passando com a procissão pela rua de alphonsus, entre a ponte de tábuas e a ponte de areia.

sexta-feira santa, lua rosa, lua cheia.

o reflexo do luar se expandia com a fina neblina, que abraçava as montanhas e a mística noite, enquanto o

*uma carapinha negra, citação de walde mar moura santos, lendas marianenses (1967, p. 25).*

20 *matraca é um instrumento muito antigo, utilizado em procissões nas cidades do interior brasileiro.*

cortejo cruzava o rio. a fileira de fiéis se virava de lado ao atravessar sobre a ponte de madeira, formando a cruz do antigo corpo solar.

logo, todas e todos caminhavam até o passo da flagelação, onde paravam, e dentro em breve, seguiam pelo viaduto até a rua direita.

vida morte vida, que a cada dia se reafirma, e que não nos falte o pão, em nossa labuta. nem nos falte a saúde, nem força na luta, nem inspiração a nos equilibrar sobre esta tênue linha.

nem nos falte o brilho do abundante sol, que cava o chão com o seu calor, dourando o corpo do rio e da montanha, até chegar aos seus veios, em suas entranhas, ativando sua condutividade, avivando suas velhas memórias...

vida morte vida, que a cada dia se reafirma,  
e que não nos falte as danças,  
nem nos faltem os bois,  
nem nos falte a terra –  
mãe, origem e elo  
de todos os alimentos  
e elementos.

na noite da véspera da procissão, de longe se via uma fileira de tapetes devocionais feitos com serragem e areia colorida pelos artistas da vila, sobre o chão de calçamento de pedra sabão.

no caminho pra praça das duas igrejas, a banda marchava em cortejo lúgubre, tocando um antigo cancionero enquanto os fiéis acompanhavam a orkestra, cantando em voz sussurrada.

*eu amava buscar água lá na fonte perto do padre avelar, maria dos anjos nos falou, sorrindo, enquanto bordava uma árvore num tecido de algodão.*

vovó ia derramando lágrimas de nossa senhora pelas ruas de pedras, enquanto rezava seu rosário de contas, caminhando com fé e delicadeza.

*vinha trazendo a água num balde na cabeça, subindo a rua nova, e tinha dias que quando eu chegava em casa, quase já não tinha mais água na bacia... foram muitas e muitas estórias que a gente já viveu. daquelas épocas antigas, também me lembro que não deixavam a gente ser anjo nas procissões das festas da igreja, porque a gente era preta. diziam que no céu só tinha anjo loiro. antigamente foi assim... nos falou a maria dos anjos.*

e lá ia passando o corpo do senhor morto, acompanhado de duas fileiras de anjos e anjas negras, amarelas, brancas, vermelhas.

finalmente, as duas procissões, do senhor morto e da santa maria, se encontravam na praça das minas gerais.

o povo escutou o sermão das sete palavras e logo, **verônica**<sup>21</sup> desenrolou o pergaminho do santo sudário, can-

---

21 verônica é uma personagem da tradição oral cristã. no entanto, na bíblia não existe nenhum registro relacionado à figura de uma personagem que tenha seu nome. segundo a tradição oral, verônica foi a mulher que limpou com seu próprio véu a face ensanguentada de cristo – que teve sua figura, então, estampada em um tecido através de seu suor e seu sangue. este tecido passou a ser chamado de 'santo sudário'.

durante a procissão de sexta-feira da paixão, verônica caminha pela via sacra acompanhada pelas beús (mulheres choronas) – todas elegantemente trajadas de preto. seguem todo o trajeto caminhando, salvo quando param nos 'passos', pequenas capelas espalhadas pelo centro de mariana, que representam os quatorze ciclos da via sacra – do pretório até o calvário. quando param nos passos, solenemente, verônica desenrola o sudário e canta em latim, respondida em coro pelas mulheres chorosas.

tando com beleza e entrega. com suas vestes fúnebres, ela ia mostrando a pintura do rosto do senhor desfalecido pros olhares curiosos da multidão que se amontoava pela praça.

era o pergaminho impresso com o sangue do próprio filho de deus.

*o vos omnes, qui transitis per viam, attendite, et videte si esto dolor simlis sicut dolor meus<sup>22</sup>*, cantava verônica, em latim.

vejam se existe uma dor maior que a minha!  
então, as beús respondiam em coro, seu lamento:  
*attendite, universi populi et videte dolorem meum<sup>23</sup>*.  
atentai, povos do mundo!  
e a matraca soava...

o povo assistia tudo, com enorme comoção. depois, todas e todos se despediam e voltavam pras suas casas, em silêncio.

um silêncio tão profundo, mas tão profundo, que, de longe, até o luar podia escutar o canto das águas, o canto do espírito do rio, enquanto o sol seguia adormecido no escuro fértil da noite.

---

este é um dos cantos tradicionais dentro da liturgia cristã brasileira, preservado nos rituais de semana santa em mariana até os dias atuais, 2023. por muito tempo, este canto acontecia apenas na sexta-feira da paixão, no entanto, nos últimos anos, vem acontecendo também na terça-feira santa.

*22 oh, vós que passais pelo caminho! olhai e vede se há dor maior que a minha!*

*23 atentai, povos do mundo, e vejam a minha dor.*





## capítulo 2

### a barca, o pilão, a bateia

a noite acabava de parir o dia,  
e tudo se repetiria mais uma vez,  
ao amanhecer.

na casa de chão batido,  
**nzila**<sup>24</sup> deu um longo grito de prazer e dor, deixando  
escapar de suas mãos uma revoada de pássaros.

*nasceu mûntu*<sup>25</sup>! *nasceu sol vivo!*, gemeu nzila, chorando e  
sorrindo, enquanto aninhava o moleke no colo.

cantando,  
kota foi, cortou o cordão umbilical,  
tomou a placenta e enterrou tudo ali mesmo,  
embaixo do chão da **kubata**<sup>26</sup>.

as terras de angola pareciam mesmo não ter fim.

---

24 na língua ki-kongo, 'nzila' quer dizer caminho.

25 'mûntu' quer dizer 'pessoa humana', na língua ki-kongo.

26 'kubata' é uma palavra da língua kimbundo, que quer dizer casa. as 'kubatas' estão presentes em vários territórios afrikanos, recebendo diferentes nomes. costumam ser feitas de adobe, com o telhado em formato cônico, coberto de palhas.

espalhados pela imensidão dos caminhos, **embondeiros**<sup>27</sup> florescidos trançavam na paisagem beleza e encantos.

os **sobas**, velhos tradicionalistas das terras angolanas, costumavam dizer que embondeiro é árvore que já nasce velha. e, se floresce, é porque lhe sobra tempo e inspiração. por isso dizem que a sabedoria é como um tronco de embondeiro, que de tão grande que é, ninguém consegue abraçar sozinha.

no entardecer daquele dia, vieram as mais velhas e mais velhos da vila, vieram crianças, jovens. veio até o soba, que se reuniu no terreiro, com toda a parentada ao redor da fogueira, para celebrar o nascimento de mais um sol vivo na terra, tecendo elogios aos ancestrais da criança, narrando toda sua genealogia e as antigas histórias de sua família.

e com o vento, o tempo foi passando...

*da vida, meu filho? queremos bois. pedimos chuva pros bois sobreviverem. pedimos chuva, pra molhar a terra. pedimos fertilidade pra terra!*

enquanto nzila ia falando, o vento arroteava sua saia.

tem noites que acendemos o fogo, tocamos os tambores e dançamos, pra trazer alegria pro tempo, filho.

---

27 em angola e moçambique, as árvores conhecidas pelo nome de baobá são chamadas de 'embondeiros'.

e quando se virou, procurando pelo filho, nunca mais conseguiu encontrá-lo.

*bomani??? filhooooooooo?*

enlouquecida, nzila saiu correndo até a beira-mar, procurando pela criança. correu por dias, até que chegou no porto de luanda, onde se jogou no chão, sentindo um leve sopro de brisa.

suas lágrimas se transformaram em oceanos, fonte e mãe de todas as águas, algas e memórias.

e enquanto nzila se afogava no banzo, mais de 7.000 quilômetros de distâncias se diluíram entre grãos de areia, pequenas vilas, ilhas, vales, montanhas, tropas, caravelas, no trajeto de áfrika para as minas de ouro em pindorama.

já diziam que todo rio nasce do mar e foi assim que o coração daquela mamãe virou conto de areia e olho d' água de ribeirão.

\*

quem vinha caminhando de longe, aos poucos podia ouvir um canto de moças e mulheres, um lindo canto que vinha lá da beira das águas do rio do carmo, das lavras de ouro de aluvião.

a água gotejava, descendo pelos dutos inclinados, cavados na beira da ribeira, desenhando verdadeiras pirâmides minerais na paisagem, *formando fossas retangulares, ligeiramente inclinadas no sentido da corrente*<sup>28</sup>.

era bem cedinho que as mulheres chegavam pra trabalhar na beira da prainha e no morro santo antônio. vinham encher suas talhas e cuités para os afazeres domésticos, pra manutenção de suas vendas e armazéns. vinham peneirar cascalho com suas bateias, separar areia e seixos dos metais preciosos.

com um balaio sobre a cabeça, **chika**<sup>29</sup> seguia caminho,

28 citação do artigo “mulheres escravizadas e forras na mineração no brasil, século xviii”, de júnia ferreira furtado (2021, p. 15).

29 ‘chika’ é um nome de origem nigeriana, significa ‘deus/a supremo/a’, geral-

riscando o chão com as pegadas de seus passos, quando três jovens rapazes submergiram das águas, trazendo a bateia cheia de pedrinhas que brilhavam, refletidas à luz do sol.

aquelas mulheres e homens que trabucavam pilando minério e ouro em seus **brunhidores**<sup>30</sup>, não eram pessoas quaisquer. eram especialistas, mestras, mestres, portadores de saberes ancestrais da mineração – tecnologias desenvolvidas há tempos imemoriais, em diferentes territórios afrikanos, transmitidas pela oralidade de geração para geração.

eram conhecedores e manipuladores das forças da terra e dos minerais.

vieram da costa do ouro, da costa da mina, de moçambique, da guiné, e adaptaram seus saberes originários para a realidade montanhosa das minas de ouro gerais.

a criança brincava, corria, saltava, jogando água pra todos os lados, esperando pelas mães, irmãs e pelos tios cegos, que separavam o ouro misturado com pedras, argila, lama e areia; da madrugada até o anoitecer a remexer a bateia.

*filho? ô moleke, vem cá!* gritou **zamila**<sup>31</sup>.

as mulheres pilavam fubá, pimenta, milho e café.

~~~~~  
mente é um nome dado a bebês meninas.

30 os ‘brunhidores de pedra’ são considerados como a primeira tecnologia da mineração de moagem a ser utilizada pelos mineradores e mineradoras afrikanas na região de mariana, na época colonial. ao esfregar uma pedra na outra, se liberava o minério a ser garimpado, separando o ouro a ser comercializado.

31 ‘zamila’ é um nome de origem arabesca e seu nome não tem apenas um significado muito bem definido, mas por ser derivado da raiz ‘z m l’, seu significado pode estar relacionado a ‘recatado/a’, ‘tímido/a’, ‘virtuoso/a’.



eram sabarús, cobus, courás, ladás, dagomés, angolas, nagôs, agudás.

lavavam roupas, pulseiras, cuias, cabaças, cabeças; aprontavam seus balaios, seus tabulêros; conversando em línguas, com o corpo inteiro.

**rosa courana**<sup>32</sup> não tinha dormido em casa na noite passada. toda cheirosa, tinha vindo direto da rua pra tomar banho no rio, a rosa.

*i eu sô lá muié di pricisá comprá liberdádi?*

enquanto pensava alto, as gotas de água iam escoando pelo seu pescoço perfumado. dava até pra ver o brilho dos pozim de ouro, bem finim, escorrendo que nem brocado iluminado pelos cabelos e tranças, doirando a pele preta, enquanto flores vermelhas se despregavam de seu vestido, se espalhando pelas águas ao redor.

*comprá liberdádi?* ela repetia, cantando e sorrindo, enquanto se lavava.

o tempo parecia até que se animava a bailar ao toque seco do pilão, com o calor e a fragrância das flores, es-

~~~~~  
32 'rosa maria egípcia da vera cruz', também chamada de 'rosa courana', foi autora da 'sagrada teologia do amor divino das almas peregrinas', o mais antigo livro escrito por uma mulher afrikana no brasil. personalidade que marcou a estória de mariana, nos causando fascínio e admiração, rosa nasceu na costa de ajudá, e foi trazida ainda criança para o rio de janeiro, em 1725. aos 14 anos, foi vendida para a mãe de josé de santa rita durão, destacado literato do período colonial, vindo parar em mariana, onde passou 15 anos a se prostituir. por volta dos trinta anos, sofreu uma enfermidade no estômago. foi neste mesmo período que passou a ter visões místicas que a levariam a deixar o meretrício e se tornar uma liderança espiritual, sendo reconhecida na região de mariana, ouro preto, são joão del rey e depois rio de janeiro, como profetisa e visionária. no povoado de bento rodrigues, os mais antigos e antigas costumavam falar sobre uma santa afrikana que viveu por aquelas áreas, e inclusive teve uma de suas primeiras visões na porta da velha igreja do bento, como nos contou eduardo, em seu relato. foi então, que rosa amamentou o próprio jesus menino pela primeira vez.

pantando o frio com o quentão, enquanto as mulheres conversavam, lavando roupa na ladeira do bambuzal.

cantavam e se moviam, marcando o pulso da vida, da morte, do nascimento, plantio, batizado, colheita, garimpo e toda a sorte de alquimia, a transmutar os segredos que nascem do vapor das plantas, símbolos e palavras, segredos incorporados à força condutora do ouro, do diamante, das águas, da terra, matriz dos mais nobres minerais em busca da evolução, equilíbrio e imortalidade.

o sino marcou as doze horas,  
em vila do carmo.

suas badaladas se arrastavam, ressoando lentamente pelo espaço enquanto algumas mulheres conversavam reunidas ao redor de uma fonte de pedra são tomé, pelos lados de passagem.

o cheiro de folha de patchuli saltava dos balaies de roupa suja virando limpa, e o tempo ia e vinha, que nem feitiço, a se destilar...

depois de um dia de forte lida, manuela lisboa, a moçambicana, descia pelas cachoeiras e pedreiras com sua bateia na cabeça, ao entardecer.

enquanto caminhava, às vezes voltava na sua memória aquela sensação de aperto de ficar lá dentro da mina, onde a terra vibrava em densas frequências.

*a mina era como um feto, que me acolhia e me aquecia. mas era daquele jeito, ou o brilho do veio do ouro, ou a morte. se eu achasse ouro, com paciência, eu comprava minha alfurria e depois libertava meus filhos e minha família. mas se a bar-*

*ragem rompesse, na mesma hora eu morria, era o valor que a vida tinha, manuela pensava, enquanto descia em direção ao rio.*

*muitos já tinham morrido afogados ou soterrados. me falaram que esse tipo de morte era o mais comum antes de eu chegar aqui, em 1758 – morrer pelo rompimento de barragens de contenção de minas.*

o conhecimento das antigas técnicas, o manuseio e a produção das ferramentas, tinha tudo vindo da costa de ajudá, togo, daomé, mali, kongo, angola, moçambique, benim.

dizem que em gana, no antigo reino ashanti, as mulheres eram respeitadas como grandes conhecedoras do trabalho de garimpar o ouro.

em manica, a terra de onde eu vim, no moçambique, tinha lugares onde era tabu pra mulher entrar na mina nos dias que a gente estava a sangrar, porque diziam que dava azar no garimpo, atraindo maus espíritos. mas como nossas famílias dependiam da força de nosso trabalho, às vezes a gente trabalhava dentro da mina e outras vezes do lado de fora, vendendo peixes e bebidas.

tinha dias que o banzo batia forte, ela sentia aquela saudade dos embondeiros, do sabor do vinho de palma, saudade das tias e crianças correndo perto do rio zambeze, saudade da **mashamba**<sup>33</sup>, do cheiro da terra.

enquanto manuela lavava suas ferramentas de trabalho nas águas da serrinha de passagem de mariana, duas mulheres seguiam esculpindo as estórias de suas vidas,

~~~~~  
33 'mashamba' é uma palavra de origem suaíli. plural de 'shamba', quer dizer 'terreno agrícola, plantação, campo'.

na parede de reboco de uma sanzala, no centro da vila  
rica de nossa senhora do pilar de ouro preto.

um mural, uma escultura, uma janela dentro de uma  
sala fechada.

séculos depois foi que encontraram esta imagem fetal,  
impressa sobre uma base de barro amassado sobre uma  
base de pedra, onde se podia ver desenhadas, cavadas  
no porão de um casarão da rua direita,

a imagem de duas mulheres batendo pilão perto de uma  
casa nas terras de áfrika; duas mulheres dentro de um  
barco, cruzando o mar; duas mulheres cercadas por  
aves e felinos.

*lembranças que ninguém nunca vai conseguir apagar*, nos  
disse tempo.

quando eu vi pela primeira vez este mural tão significa-  
tivo, talhado nas paredes da sanzala de um casario anti-  
go, enquanto tateava o desenho insculpido na parede de  
terra argilosa com os olhos cobertos de lágrimas, pare-  
cia até que podia escutar o som das ferramentas de ma-  
deira e ferro cortando as paredes de pedra com imagens  
de cenas cotidianas de um distante povoado.

ao brilho de uma candeia, eu via as mulheres sorrindo,  
se lembrando do caso de uma velha parenta.

foi quando escutaram, de longe, o toque dos sinos e, em  
silêncio, se apressaram para recolher seus apetrechos.

bleimmmmmmmmm  
bleimmmmmmmmm  
bleimmmmmmmmm

de vila rica a vila do carmo,  
18 horas, no pino.

no inverno, o céu escurecia mais cedo e lá do alto da  
torre da igreja do rosário se via as fileiras de pedrinhas  
retangulares, desenhando linhas e arcos sobre o chão da  
praça, por onde a congada passava.

no dia seguinte, era a festa do divino  
e na guarda do rei e da rainha,  
o capitão ia abrindo caminho.

todo colorido de azul,  
o céu até parecia  
que também tava em festa.

o sol iluminava a fachada da igreja de são francisco,  
que acolhia em seu gramado  
as guardas e reinados  
que iam passando em formação,

a bater patangomes e gungas,  
moçambique, angola,  
e o kongo todo a girar,  
a gingar, ajoelhar, a orar,  
levantar, manobrar.

era a dança das sete mil fitas coloridas,  
a espada atenta da capitã, era o cetro da rainha,  
passado e futuro entrelaçando o presente,  
fundindo a planta e as raízes dos pés com a terra,  
numa dança de força magnética.

ó terra, nossa mãe, nos acolha,  
volte a nos reconhecer como filhas e filhos,  
em sua morada!

e os capitães iam dançando,  
com os corpos bem rentes ao chão,  
a cantar, a pisar devagar,  
encarnando memórias de marujos e sereias,  
de caboclas e caboclos,  
pretos e pretas véias.

era a dança da saudade, da restauração,  
o cajado, o remo, o arco, a flecha,  
a transcendência da lembrança das dores vividas no  
mar.

e o banzo,  
o congado era o banzo,  
a saudade do outro lado de lá.

mas sobretudo era a força,  
a força que sustenta a alma viva no corpo,  
do outro lado de cá.

os devotos e devotas batiam suas caixas, enquanto o  
mastro da bandeira era levado pelo vento, indicando a  
direção da casa do imperador do festejo.

era tão lindo de se ver: as fitas de vivas cores, dançando  
ao som de reco recos, sanfonas, berimbaus e puítas,  
brilhando à luz do sol, entre orações e cantigas.

os romeiros vinham de longe, com seus grupos  
e famílias,

vinham de outras roças, vilarejos e cidades pra celebrar  
a festa do divino,  
a fé em nossa senhora do rosário, santa efigênia, são  
benedito,  
e todas as outras coisas secretas.

amém.

vinham catupés, caboclinhos, pastoras, batuques, folias  
e moçambiques,  
ressoando ritmos e cânticos de povos da terra e d'além  
mar;

e foi no balanço destas águas  
que os continentes se tornaram apenas um.

por isso dizem que,  
tanto nas terras de áfrika,  
quanto em abya yala,  
o arco e a flecha simbolizam a insígnia de pessoas  
livres.

### capítulo 3

## tripuí, nascente de águas negras



quando em casa chego, abro a janela, me deito. como num sonho, me ponho a escutar um canto bellissimo vindo do rio do carmo, do coração de suas águas a me encantar, me levar, me lavar e eu me permito confluir.

submerjo, me afogo, me solto, me deixo, respiro, me giro, emerjo pelas camadas de suas memórias, líquidos palimpsestos e desejos.

broto mais forte do dentro de mim, fluindo por suas nascentes, margens, afluentes, pelo seu leito, seu jeito e correntes. tal veias, abertas, concretas, em suas rasas ou profundas águas abissais, onde a luz não ousa chegar - negro manancial de símbolos e imagens.

emerjo pelas camadas de suas lembranças e vejo algas bênticas, anfíbios, crustáceos, redes, cestos, larvas, ariranhas, enguias, espirais e carpas. e mapas, mapas tecidos com afeto por mãos tão piedosas, fios e linhas douradas, passadas a ferro em brasa, emolduradas por janelas pintadas, com o carmim e o ocre da terra.

palavras, estórias, oratórios, palavras.



o sol brilhava no colo da montanha, adentrando pela porta da sala, enquanto a manhã iluminava o terreiro, a cozinha, a varanda e o tempo, que custava a passar...

quando finalmente chegava a noite, à luz de uma candeia, três senhoras comiam a rica merenda na sala de jantar, tateando na fibra dos tecidos de algodão e linho, lembranças de outras estórias.

bordavam, fuxicavam e voltavam a costurar. a mesa feita animava a conversa, com pão de queijo, broa, leite, café, cuscuz de milho, enquanto do lado de fora se ouvia o som de bichos noturnos e grilos.

da parede do salão, me espiava um velho carumbé de madeira e um espelho emoldurado em pedra sabão.

eu via a cena de longe, e logo voltava a me embrenhar pelos caminhos tortuosos das memórias – **estradas reais**<sup>34</sup> e imaginárias.

caminhei por um tempo em silêncio, quando, de repente, vi surgir da neblina a silhueta de uma mulher.

calmamente, ela veio andando em minha direção, saindo de dentro do rio, dizendo que o escuro da noite fazia seus pensamentos oscilarem entre as memórias vividas nas minas daqui e as lembranças vividas nas minas de lá.

*sou awa. na terra do brasil, me deram o nome de rosa da silva torres, mas foi lá, do outro lado do mar, que eu aprendi com*

---

34 referência à estrada real, caminho oficial usado pela coroa portuguesa para escoar as riquezas das minas gerais até os portos do rio de janeiro, de onde eram enviadas para a europa, a partir do século viii. formada por quatro caminhos (caminho velho, caminho novo, caminho dos diamantes e caminho de sabarabuçu), a estrada real também passa pela cidade de mariana.

*minha avó a escavar a terra com enxada de madeira.*

*desde muito pequena a gente já cavucava o chão com minha mamí, cavucava, trabucava e depois levava nas gamelas o cascalho que conseguia recolher pra ser lavado com água, pra separar os dejetos do ouro, do cristal e do minério.*

*quando terminava de lavar o calhau, a gente pegava e guardava os pozinhos e as lascas de ouro que sobravam brilhando no umbigo da bateia, dentro de bolsas de peles.*

*era no tempo de inverno que nós, mulheres, ficávamos separando o ouro do cascalho na beira das ribeiras.*

*a depender da maré, nos ensinaram a fincar um pedaço de pau no meio do rio, pra diminuir a correnteza, e conseguir mergulhar com a bateia pra tirar os seixos debaixo d'água.*

*foi assim no rio zambeze, no rio do carmo, no rio das velhas, no rio doce, no rio das mortes, no rio paraguassu, a mulher me falou, com sua voz sussurrada.*

então, ela tocou nas águas da beira do rio, que começaram a brilhar que nem ouro, tomando a forma de uma barca.

awa me cumprimentou com a cabeça, se despedindo.

seu espectro reluzente foi caminhando sobre as águas até chegar na barca dourada, e assim como surgiu, ela desapareceu, abraçada pelas brumas.

encolhida de cócoras, pra me proteger do frio e do sereno, assim fiquei, a escutar as estórias que o rio me contava – estórias de homens, mulheres e crianças. estórias vividas e assombradas.

contos e casos do nobre reino das pessoas, mas também dos vegetais e minerais. magnetita, fosfato, diamantes, água marinha, ágata, água, malaquita, cristais, âmbar, ródio, e o carvão ardente a brilhar nas cinzas da fogueira, a terra, avivando memórias dos tempos em que, no morro de sant'ana, fileiras e fileiras de pessoas cavavam o chão, abrindo montanhas.

o que estava morto, retomava a vida, e eu pude ver uma comunidade erguida em complexas construções, a realizar auríferas explorações. eram muitas minas, talhadas em galpões e galerias. eram casas, ruas, templos, plantações, armazéns de alimentos, pequenas fábricas, comércios, trilhas, terreiros e olarias.

nestes desfiladeiros foi onde o tempo fez morada e hoje as ervas daninhas cobrem resquícios das velhas ruínas e caminhos subterrâneos.

ruínas que permaneceram conectadas à paisagem, numa simbiose mineral, entre a montanha e o que restou da estrutura de casas, ruelas, represas, **canoas**<sup>35</sup>, regos, aquedutos, pilões, buracos de sarilho, montes de entulho, fios de pedra e fundições.<sup>36</sup>

verdadeiras cidades perdidas...

séculos depois, caminhando pelos montes, moradoras e moradores começaram a encontrar cachimbos, estátuas

~~~~~  
35 a canoa é uma ferramenta na qual se estende um couro peludo de boi, ou uma flanela, cuja função é reter o ouro, que se apura depois em bateias. trata-se de uma técnica desenvolvida pelos afrikanos no continente, e trazida de forma adaptada para ser empregada no sistema de mineração afro-brasileiro.

36 os itens citados neste parágrafo tratam-se de elementos presentes na estrutura da mineração, que foram identificados nas ruínas arqueológicas dos morros de sant'ana e santo antônio de mariana, no 'dossiê de tombamento conjunto paisagístico e arqueológico - morros santana e santo antônio' (2008).

de madeira, frascos de remédios e patuás, dando a entender que as digitais dos ancestratos ficaram impressas tanto nas raízes e fibras do tempo, quanto nas telhas de cerâmicas que modelaram com as próprias mãos.

eram milhares de homens e mulheres, cortando veios na terra, levando balaios, minérios e pedras, com a cor e o gosto do sangue e do ferro.

tinha noite que, depois do árduo trabalho, o lamento etílico da cachaça fazia algum corpo abandonar o espírito, a delirar em banzo e kalundu. incorporando saltos e vôos, verbalizando profecias e presságios, riscando voadoras no espaço, besouros.

corpo marcando pisada entre rotas de fugas e encruzilhadas  
corpo em movimento, corpo que segue em ânsia de liberdade,  
neste ausente presente. neste presente ausente.

\*

(folhas de louro, manjerição,  
patchouli e arruda.)

numa salinha escura, em sua casa,  
dona joana passava uma mistura encantada  
nos pés de geraldo viola,  
enquanto em línguas, cantava.

tava mancando, o cabra,  
cheio de mau olhado e mandinga.

*na reta todo mundo vai rápido, achando que sabe de tudo,  
mas na curva é que ninguém sabe o que vem pelo caminho...*

ela dizia.

foi preciso muita persistência, força e coragem pra poder tirar os metais mais nobres do rio, do ventre da montanha, da gruta, da terra humosa.

o frio toque de colheres de prata, o gosto da saliva, do barro, da fumaça. a fumaça dos cachimbos das pretas e dos pretos, que pitavam pisando com calma, pela estrada luminosa do garimpo, a negra rota do diamante e do ouro, no fim da tarde ou na aurora.

descendo por estreitas trilhas, três mulheres caminhavam com seus cestos, sementes e rezos, repousados sobre turbantes e cabeças, sustentando o céu, o tempo e o espaço com a força de seus pensamentos e passos, quitutes, ndengo, conselhos.

e assim, o dia foi virando noite, enquanto dona joana fazia uma prece e acendia uma vela, no altar que ficava em cima de um armário, no seu quarto.

fluindo por esta saga mineral, alumiado pelo fogo de um pavio de lamparina, o rio do carmo então vinha, devagarinho, brilhando feito turmalina, mostrando um pouco do tudo que já sentiu e viveu desde que brotou no cume de uma velha montanha, não se sabe em que estação.

na serra de ouro preto foi parida a nascente tripuí, entalhada no silêncio do alto espinhaço, manancial de águas escuras, a correr por pedras e grãos de areias, negras e puras.

essas escuras águas foram crescendo, misteriosas, entre tempestades, raios, trovões, orquídeas e sussuarnas, buscando seguir seu curso, enquanto seus olhos d'água pouco a pouco iam se abrindo...

virou ribeirão do funil, se afinilou, cresceu, diminuiu, e foi se encorpendo, crescendo, foi descendo e descendo até chegar em passagem de mariana, se transformando em rio do carmo, a seguir confluindo por gasteira, acaiaca, barra longa, até se encontrar com rio piranga, e, juntos, gerarem o rio doce, filho do amor da nascente xopotó.

rio doce,  
moldurado  
por matas ciliares.

pai e mãe  
de antigos cardumes  
de traíras,  
tilápias  
e bagres.

leito de  
estórias,  
sonhos e  
rotas,

tantas  
águas,  
tantas  
águas  
e um só desejo:

o de um dia  
poder  
chegar  
no mar

e ser mar...

o tempo ia se movendo, enquanto o espírito do rio corria selvagem, cheio de beleza e esperança. e assim, suas águas seguiram fluxo perene, até o ano de 1696.

foi quando o rio nem ao menos supunha o que havia no fundo do coração daqueles cavaleiros e suas bandeiras, que acabaram de chegar e se puseram a conspirar, com olhares incendiados, deslizando inconscientes e cegos, por suas curvas e correntezas.

*reis, papas, realezas!  
sob o chão onde esse rio passa,  
a terra cheia de ouro está!*

esse rio, que corre entre barro, veios, clareiras, pedreiras, lobeiras, tamboriles, girassóis, xaxins, aroeiras, desordenadas fileiras de belos brotos e mudas, árvores elétricas, a contar mil histórias umas para as outras,

em silêncio...

esse rio,  
que corre entre raízes  
de tímidos rizomas  
que se contraem e expandem,  
a irradiar pela terra  
cantigas da mata, do mar, da caatinga,  
de povos da costa do ouro,

de povos da costa da mina,  
cantigas de povos nativos,  
que viveram e vivem e seguem vivendo,  
na beira do rio, ao redor destas águas,  
nestas margens douradas,

*esse chão por onde esse rio passa, sá rainha, cheio de ouro está!  
ouro, fidalgos, tem ouro no rio!*

*e mais uma vez, nossa derrota poderia estar implícita em sua vitória, nossa riqueza mais uma vez geraria nossa pobreza, nutrindo sua prosperidade, ó majestade!<sup>37</sup>*

as violentas pegadas dos colonos sobre a pele da terra ataçaram a ira do fogo, que explodiu em lava de nove mil toneladas, em pepitas de minério, sangue, lágrimas e ouro.

pelo caminho velho,  
pelo caminho novo,  
o que ficou foi aquele gosto de ferro marcando  
o paladar.

o vazio na boca, na barriga, na montanha.  
os rastros daqueles que vieram, rasgaram, tiraram,  
lavraram, levaram, violaram.  
as frestas, as flores, florestas, as minas, a terra, as  
águas, os credos.

mas esse rio, majestade,  
esse rio foi enganado!

~~~~~  
37 esse livro é composto de muitas vozes. em “tripuí, nascente de águas negras”, trouxe o eco das vozes das pessoas que estavam no momento da invasão da atual região de mariana. nestas passagens, há alguém que, em seu delírio, quer falar com reis, rainhas, gente poderosa, na medida que se mistura com a voz de eduardo galeano, no livro “as veias abertas da américa latina” (2012).

depois da explosão, as cinzas, o branco, o cair da vida, a  
morte, a lama, o cancro.  
se do pó viemos, ao pó voltaremos.

bleeeeeiiiiimmmmmmmmmmm  
bleeeeeiiiiimmmmmmmmmmm  
bleeeeeiiiiimmmmmmmmmmm

pela praça da sé, a procissão ia passando, tal qual cobra  
honorato, enquanto um cheiro forte de incenso e mirra  
invadia o espaço.  
as estrelas iam ascendendo olhares de moças, moços,  
jovens, velhas e crianças.

o ambiente seguia iluminado pelo calor de velas, can-  
delas, candelabros, colorido movimento de mil gentes  
cantando, ou bem baixinho sussurrando, pedindo per-  
dão pelos pecados, em nome do pai, do filho, do espírito  
santo, nossa senhora, santa efigênia, são benedito,

e o sino chora e o sino dobra...

mariana, túmulo mina!

cortaram a terra, dividiram montanhas, rios, lagos e  
cidades.  
chegaram gentes de todos os lados, de todos os jeitos e  
idades.

comeram ouro, cheiraram ouro, choraram ouro,  
plantaram ouro, só não colheram ouro.

*na alkimia colonial e neo-colonial, o ouro se transfigurando*

*em sucata, os alimentos, em veneno*<sup>38</sup>. nesse quadrilátero  
eldorado, a depressão como condição. a devastação. a  
colonização. a prostituição. a escravidão.

*potosí, zacatecas, mariana, ouro preto, caíram de ponta-ca-  
beça na guerra pelos metais preciosos e a mesma chuva que  
irrigava centros imperialistas afogava subúrbios do sistema.*<sup>39</sup>

\*

mas se a raiz é profunda, com o vento a árvore não terá  
problema.

\*

e a tempestade passava furiosa, destruindo a montanha  
que subia descuidada, colina acima, sustentando pré-  
dios, malokas, kubatas, raízes dependuradas em suas  
encostas, feito saias, balaios, peneiras, a resistir na ore-  
lha do rio, na altura do velho rosário.

as sinuosas linhas dos morros guarneciam o curso do  
ribeirão, que ia fluindo lado a lado com o trilho do trem,  
acompanhando nuvens, montanhas e casas que iam fi-  
cando para trás, morros, árvores, milharais, choupanas  
e canaviais.

e como num quadro naif de **zizi sapateiro**<sup>40</sup>,  
o trem seguia seu caminho, ligeiro,  
passando por cidades, vilas e arraiais.  
se por vezes o trem parava ou diminuía a marcha, logo  
vinham molekes correndo, vendendo manga, amen-

~~~~~  
38 do livro "as veias abertas da américa latina", de eduardo galeano (1970, p. 8).

39 idem.

40 nascido em mariana, no ano de 1927, em 26 de maio de 1983, zizi sapateiro  
foi um renomado artista plástico primitivista (naif), conhecido em âmbito inter-  
nacional, patrimônio cultural da humanidade. faleceu em 2007.

doim, jabuticaba, queijo e pedra preciosa, num vivo primitivismo pontilhado, até o rio alcançar o mar.

o canto de uma revoada de pássaros entoava pelos ares,  
e meu coração se alegrava, acompanhando as águas  
do rio,  
esperando chegar em resplendor e, logo, em vitória.

tá vendo lá embaixo do despenhadeiro?

uma dessas sinuosas linhas que rasga a montanha, se  
cruza com uma linha traçada na palma da minha mão,  
formando uma cruz, que também é um destino.

...

o rio  
me escutou  
em silêncio  
e disse:

mas então,  
quais as palavras  
que realmente merecem existir?

...

nós somos o rio doce,  
sussurrou a montanha –  
nós somos o rio.

## capítulo 4 magnetismos do vazio

o apito do trem vinha cortando o silêncio da manhã, entre chispas e lembranças, ressonando seu som vaporoso até o outro lado do vale, ao atravessar pelas linhas metálicas que acompanhavam o curso do rio.

certo dia eu caminhava com meu pai pela subida do  
velho rosário,  
quando ele me disse:

*eu e tia tate éramos criança. a gente sempre trazia marmita que mãe fazia pra uma senhora chamada baiana, que morava em frente ao santo estévão. teve um dia que, na hora que a gente tava passando por essa ponte, veio uma boiada grande, foi muito boi, mesmo... a gente ficou meio com medo e fascinação, e saímos correndo! ficamos escondidinhos atrás dos pilares ali daquela ponte, a antiga ponte de madeira, até a boiada passar. nunca vou me esquecer desse dia.*

na confluência destas lembranças, tinha vezes que eu olhava o caminho do trem e pensava em meu avô, seu zé, pai do meu pai, que, por longos anos, trabalhou como foguista no trem.

vovô manejava bem as ferramentas de metal e madeira. gostava de escutar boa música e fazer mesas, cadeiras,

pequenas coisas pelo terreiro. exímio contador de histórias, seu rosto era como fosse uma forte montanha, talhada com negras linhas de expressão, homem baobá. conheceu minha avó, quando trabalhavam numa antiga fábrica de tecidos. se conheceram e se apaixonaram. casaram, tiveram 10 filhos e juntos, plantaram um belo jardim.

depois me lembrei de tia ném, que certa vez comentou que todos os seus irmãos e irmãs ajudaram a fazer a casa da família.

*a base dessa casa aqui, em mariana, foi construída com a participação de todos os filhos e filhas. a gente ia buscar “pedra cristal”, umas pedrinhas miúdas, arredondadas... botava no carrinho de mão, que não era nem de metal, era de madeira. a gente ia, catava um monte de pedrinhas, enchia aquele carrinho com o que a gente conseguia carregar. nessa fase, nós éramos muitas crianças, uns seis molekes. a gente vinha, trazia, jogava as pedras na rua e quebrava essas pedras pra elas serem usadas no alicerce da nossa casa.*

nessa saga mineral, eu observava as duas linhas irmãs, forjadas no ferro e metal, cravadas na cordilheira.

no pensar do povo **bakongo**, o mundo é formado por duas montanhas opostas que se espelham nas bases, separadas pelas águas, no limiar invisível da linha de **kalunga**.

– me pus a lembrar das palavras de makota valdina –

*o povo bakongo se imagina sobre a montanha dos vivos, de onde pode ver como o sol aparece, nasce, cresce, se expande passando por suas cabeças e desaparece, morre do outro lado, para nascer na outra montanha, no mundo de mpémba – o*

*mundo dos ancestrais, dos seres invisíveis. por isso, o sol nasce a cada dia não apenas para clarear, mas para dar uma vida nova aos seres humanos.*<sup>41</sup>

o reflexo de uma montanha nas águas de kalunga, sinaliza os principais momentos e posições do sol ao longo de um dia:

o sol no ventre da meia noite;  
o nascer do sol;  
o sol do meio dia  
e o pôr do sol.

*o pai sol tem uma grande importância para nós, angoleiros. uma das principais aprendizagens é que se deve acordar cedo, antes do nascer do sol e estar acordado no momento do sol poente. o meio dia e meia noite são momentos marcantes, visto com respeito e reserva, nos disse makota valdina.*<sup>42</sup>

o desenho em forma de cruz nasceu muitos anos antes da era cristã, compondo o imaginário de diferentes povos ao redor do mundo.

conta-se que, para o povo bakongo, antes do começo dos tempos, tudo o que havia era o vazio, um mundo sem vida visível, simbolizado por uma linha reta (**n' lônga lukôngolo**) ou por uma linha reta com um círculo despojado no meio (**mbûngi**).

por tempos e tempos, foi assim. até que a força autogeradora de kalunga brotou dentro deste vazio, sob a forma de chispas de fogo, que foram crescendo, se expandindo, amadurecendo.

41 citação do livro “meu caminhar, meu viver”, de makota valdina pinto (2015, p. 153).

42 (pinto, 2015, p. 153-154).

de tanto que se aqueceu, com o calor de seu magma e a fertilidade de sua dança, chegou um momento em que kalunga explodiu dentro de mbûngi, o grande feto que lhe acolheu, dando à luz a infinitos corpos incandescentes, rompendo **kimbwandênde**, uma enorme tempestade de projéteis de fogo, corpos solares radiantes, que, com o passar do tempo, foram se resfriando, se transmutando, germinando estrelas, cometas, buracos negros, constelações e planetas.

esta grande explosão riscou nos céus um enorme  
cruzeiro,  
que **nganga fu kiau**<sup>43</sup> nos ensinou a chamar de  
**dikenga**<sup>44</sup>.

(a cruz do kongo).

para formar esta cruz, se risca um ponto no chão,  
um ponto saindo das raízes de seus pés, do ponto  
mûsoni,  
traçando a linha vertical chamada telama.

telama  
telama  
telama

~~~~~  
43 nganga kimbwandende kia bunseki fu kiau é uma de nossas maiores referências nos aprendizados da cosmopercepção bakongo. fu kiau nasceu no kongo e foi iniciado em antigas tradições dos povos bântu-kôngo, em especial bakongo. sendo também grande pesquisador da antropologia cultural, educação, biblioteconomia e desenvolvimento comunitário, autor de diversos livros e artigos.

44 a cosmopercepção bakongo está plasmada num diagrama atemporal chamado dikenga ou 'tendwa kia nza-n kongo'. 'tendwa' significa diagrama. 'kenga' quer dizer 'dobrar uma esquina, desaparecer', como nos contos populares sobre uma garota chamada nkenge, que desaparece na terra-água de bankita e volta, transformada, citação de macgaffey (1986, p. 177).

telama  
telama  
telama  
telama  
telama  
telama  
telama  
telama  
telama  
telama  
telama  
telama  
telama  
telama  
telama

neste ponto chamado **mûsoni**, onde nasce a linha de **telama**, na posição do sol no ventre da meia noite, dizem que ficou impressa a memória amarela desta grande explosão de matéria e massa radiante – a explosão das explosões – que marcou o início dos processos do tempo e da vida, o ciclo dourado e solar em que a terra foi criada e concebida – um planeta verde que por tempos foi se resfriando, se transmutando num mundo perfeito para a multiplicação e conservação da essência da existência.

ao se resfriar e transformar num lugar próprio pra presença, reprodução e manutenção da vida, a terra passou para o segundo ciclo, **kala**, cruzando a linha horizontal, chamada linha de kalunga.

aqui avistamos nos céus o sol despontando no horizonte, a cada novo dia que nasce. foi neste ciclo que nasceram as formas mais primitivas de vida na terra.

kalunga, mãe e filha de magnetismos do vazio.



+

telama  
telama  
telama  
telama  
telama  
telama  
telama  
telama  
telama  
telama

kalungakalungakalungakalungakalugakalunga  
kalungakalungakalungakalungakalugakalunga  
kalungakalungakalungakalungakalugakalunga

telama  
telama  
telama  
telama  
telama  
telama  
telama  
telama  
telama

dikenga

+

kalungakalungakalungakalungakalugakalunga  
kalungakalungakalungakalungakalugakalunga  
kalungakalungakalungakalungakalugakalunga

depois de nascer, o sol cresce e atinge o auge de seu amadurecimento, alcançando seu ápice, ao meio dia, na posição chamada **tukula**, mantendo sua força por um

tempo, para logo se pôr no horizonte, quando chega o momento da queda, do declínio da matéria, quando novamente se cruza com a linha de kalunga, de volta ao domínio da ancestralidade, de volta às raízes da árvore, de volta às águas da transformação.

quando o sol se põe, a cruz kongo chega ao ciclo da morte, **luvemba**, o ciclo das cinzas, dos ossos, portal para a regeneração, renascimento e evolução. dizem que foi neste ciclo que os ancestrais da humanidade surgiram na terra.

e assim, voltamos às raízes da árvore, àquilo que era e permanece.  
àquilo que não se vê, mas se sente.



## capítulo 5 muxima, a árvore do palavratório

feliciano, mulher mina da nação courana,  
pertencia à irmandade do rosário de mariana,  
assim como rita ribeiro, sua conterrânea.

*antigas irmãs da confraria,  
cujos assentos foram inscritos  
em sequência, aos 30 dias de março de 1753<sup>45</sup>.*

enquanto  
o sino tocava,

feliciano subia e descia a ladeira da rua mina,  
se lembrando das estórias de suas antigas,

que diziam que não era bom varrer a casa de noite,  
nem deixar sapato virado pra baixo,  
nem sujeira no canto da sala,  
nem comer de panela, pra dentro,  
nem fazer nada meia noite ou meio dia.

num distrito não muito longe de onde feliciano morava,  
o dito nêgo chiko vivia a esculpir anjos, santos, pilões,

~~~~~  
<sup>45</sup> citação do artigo "modos de sociabilidade: os couranos em uma nova terra",  
de fernanda aparecida domingos pinheiro (2010, p. 19).

patuás, esculturas de preto véio, bateias, barcas e car-rancas.

conta-se que chiko angola, como também era conhecido, foi santeiro e teve uma vida longa e próspera.

em matéria de esculpir em pedra sabão, mãos como as suas não tinham. além de escultor, era exímio ferreiro e conhecia os segredos da dobra do fogo e dos metais.

de vez em quando, nêgo chiko vinha em vila do carmo, pra entregar suas encomendas, fazer escambos e visitas. mas naquele dia, o motivo de sua vinda à vila era especial.

o nego tava radiante com sua calça de linho e camisa de estampa floral.

apressava o galope, a caminho do batizado,  
que tava marcado pra acontecer dali a pouco  
no morro de sant'ana.

era lua nova, e o sino se pôs a dobrar,  
marcando as seis horas da tarde,  
hora das santas e anjas.

chiko parou, desenhou uma cruz na altura do coração, deixou passar uns minutinhos, e discretamente atravessou a ponte nova, invocando saúde, proteção e bons caminhos.

com elegância, cavalgou até alcançar a antiga estrada que levava pro morro. na frente da igrejinha, a beleza do ipê carregado de flores amarelas contrastava com o céu rosado naquele entardecer em vila do carmo. familiares e amigos se encontraram, se saudaram. um canto bonito tomou conta do espaço, pequeno e acolhedor.

o nêgo ia ser padrinho do filho de um amigo, mestre garimpeiro, de origem da mina, que ia batizar seu filho na fé dos cristãos. ele era mina, mas queria que o padrinho fosse chiko, de origem angola e coração diamantino.

o batizado começou, em procissão.  
o sangue, o pão, o vinho, a promessa;  
o juramento em cruz sobre a testa.

*que esta cruz, meu filho, te abra pra luz,  
que esta luz jamais te cegue, mas te regenere,  
te mostre como se faz para retornar, virar, transmutar  
se autoconhecer, para nunca se perder,  
sussurrou chiko.*

encruzilhada de fios de forças, bordadas em forma de cruz, a linha horizontal de kalunga se cruzando com a linha vertical de telama, embriões permeáveis, se movendo, se entranhando, gerando e resguardando saberes de ciclos, essências e movimentos solares, de longínquas constelações e antigos mares.

segredos do sol que brilha no céu,  
segredos do sol que nos faz brilhar:  
a cruz kongo – **dikenga** –  
memória de tudo que já se foi e tudo que ainda será.

e a água a fluir pela cabeça do menino,  
o óleo bento, os sais da terra.

*meu filho, muxima é o coração.*  
sua bivó lhe sussurrava, lá das terras de lemba.

entre as réstias da luz do sol,

que entravam pelo vitral da capela,  
por um minuto, chiko viu passar toda uma vida por  
dentro de sua retina.

viu seu afilhado crescendo, caminhando entre baobás.  
viu a vida e seus ciclos – cósmicos, naturais e sociais.  
viu as águas do mar brincando na areia...  
lembranças de outros tempos e vidas.

chiko viu caminhos trilhados pelo seu povo, das terras  
de angola e do kongo, através do mar, até chegar em vila  
do carmo, povoado afrikano e originário, entalhado so-  
bre uma **universidade de montanhas**<sup>46</sup>.

chiko pensou que, mesmo que invisibilizadas, certas pe-  
gadas nunca se apagariam, fractais ancorados entre ras-  
tros, objetos, trejeitos ao longo da estória daquele áureo  
lugarejo, permeado por lembranças e segredos.

mistérios impressos no jeito das pessoas andarem e fa-  
larem; segredos guardados no sabor dos quitutes; nos  
toques dos sinos; nos bordados, trançados, tabulêros;  
nos detalhes da arquitetura afro-barroca; na costura de  
uma saia ou de uma colcha; na lembrança de persona-  
gens dos morros, montanhas e vales da velha cidade.

e o cheiro gostoso de mirra a invadir a capela, o calor da  
água, a lembrança da terra.

o batizado, então, seguia no terreiro de dona josefa ma-  
ria, com batuque, feijão, couve, angu, cachaça, lobrobrô,  
pé de moleke e **kalundu**.

---

46 uma alusão ao termo que aparece no livro “lendas marianenses”, escrito por waldeimar de moura santos (1967).

nêgo chiko de angola, agora padrinho do menino coura-  
no, tocava o tambu com fé e beleza, traçando uma cruz  
imaginária com os movimentos de suas mãos, no centro  
da **ngoma**<sup>47</sup>, pedindo a benção pros ancestrais do som.

nas mãos de angola,  
batuque do samba era oração.

a música contagiava o espaço,  
entrelaçando passado e futuro,  
numa dança de força e alegria.

foi quando a buzina de um carro no centro da cidade  
me trouxe de volta ao tempo presente.

com o corpo ainda irradiando a vibração do batuque,  
seguí caminhando na direção do alto de são pedro.

no caminho, vi uma árvore, um lagarto, uma semente,  
uma concha, uma serpente, entalhadas em esculturas  
que os ancestrais esculpiram na fachada de uma casa,  
numa ladeira, num túmulo do cemitério, num chafariz.

carpe diem.

do corpo nascido, fenecer;  
do corpo fenecido, renascer,  
dançando entre luzes e sombras.

ora, se foi mestre paiva quem nos disse: *o barroco é o  
exagero das formas.  
contraste entre o claro e o escuro!*

(a luz da sombra e a sombra da luz)

---

47 ‘ngoma’, entre seus muitos significados, também quer dizer tambor.

em mariana, o barroco é preto. por detrás de suas máscaras brancas, são pretos e pretas os anjos e anjas penduradas pelas paredes das igrejas da catedral basílica da sé, do passo da ponte de areia, da capela de são jorge, da confraria de nossa senhora da boa morte.

mariana é originária. mariana é afrikana. suas riquezas, costumes e heranças foram fortemente marcados pelas influências de diversos povos do continente mãe, que, através da mescla com outros povos do mundo, formaram a maior parte de nossa população, de nossas estruturas sociais e a base das nossas identidades culturais, artísticas e espirituais.

seguindo essas marcas, bem podemos traçar um mapa que vai nos levar das minas de mariana às minas do kongo passando pelas estradas dos metais, do sangue e das águas.

nos domínios da geologia, se pensarmos na cartografia dos caminhos que os minérios percorreram ao longo de terras e mares nas estórias do mundo desde o surgimento da terra, as montanhas de mariana estão ancestralmente erguidas sobre um antigo **cráton**<sup>48</sup> chamado são francisco, localizado na parte oriental da américa do sul. este cráton se expande por minas gerais, bahia e sergipe. e seu embasamento ancestral é uma extensão do cráton do oeste do kongo.

~~~~~  
48 de uma forma simplificada, os crátons podem ser compreendidos como porções da litosfera continental (a camada sólida da terra), de longa estabilidade e resistência mecânica (cráton, 2023). no começo do ciclo paleozóico, os protótipos dos atuais continentes américa do sul e áfrika eram reunidos em uma única massa continental, constituindo a parte ocidental do supercontinente gondwana. nesta época, o cráton de são francisco fazia parte de um cráton maior, ao qual convencionou-se chamar de 'são francisco-kongo'. devido à ruptura entre as terras da américa do sul e áfrika, associada à quebra mesozóica do supercontinente pangéia, também o cráton de 'são francisco-kongo' se quebrou em duas partes. com a abertura do atlântico sul, o fragmento do são francisco se deslocou com a américa do sul para o oeste e o cráton kongo foi para a áfrika, ao leste.

desta sinergia tectônica, foram gerados fluxos de recepção e transmissão de antigos saberes, emanados pela terra, irradiados pelo sol, lapidados pelas águas, disseminados pelos ventos, magnetizados pelos átomos, conservados pelos tempos através de secretos ensinamentos, ressonâncias, frequências e movimentos, linhas, trilhas, raízes que conectam o continente mãe aos territórios da diáspora através dos veios do ouro, do diamante e do minério.

fluxos de condutividade do ngolo, a energia, força vital, que existe e se movimenta entre o kongo, o centro da terra, as cordilheiras mineiras e o mundo.

trilha de tenso denso intenso magnetismo geo-bio-espiritual.

sangue buscando por sangue,  
ferro buscando por ouro,  
metal buscando por lavras,  
palavras buscando metal,

conexão das terras,  
das mina ao kongo  
terras irmanadas,  
terras tão raras,  
cheias de sinas,

ricas em toda sorte de minério,  
que no mundo pode haver:

urânio,  
quartzito,  
cobalto,  
itabira,

cobre,  
alumínio,  
itabirito,

tântalo,  
estanho,  
lítio.

sem falar nos  
mais nobres metais,  
que, pra energia  
são fundamentais,

pra eletricidade,  
pra medicina,  
pra expansão nuclear,

fogo e água em ebulição.  
vento, água, calor, vapor, erupção.

kongo saiu da mina,  
kongo cruzou o mar,  
depois do balanço das ondas,  
em minas, kongo foi reinar.

o espírito deixou o corpo  
o espírito cruzou o rio,  
o espírito está a voltar.

mariana, brumadinho,  
lubumbashi, katanga  
mbanza kongo  
manica, dembo  
tete, ndongo,

tempestades, condutividade,  
frequências sonoras.

o brilho do pó do ouro e do minério  
sendo soprado pelos ares afora.



## capítulo 6

### dança das águas

pelas trilhas do morro do santo antônio, fui parar em passagem de mariana, e resolvi adentrar em uma de suas minas.

num antigo bondinho, cheguei a uma galeria subterrânea. caminhei um pouco, encontrei um lago, onde mergulhei.

imersa no inframundo da lagoa pude ver como a luz do sol bailava refletida, a iluminar a água, criando um brilho azul perolado, nos espaços ociosos entre as pedras.

no abraço das frias águas, preendi a respiração. e, por um instante dilatado, senti o tempo parar. era como se estivesse dentro de uma cabaça, flutuando no meio do nada, sob as terras, sob as águas, entre o espírito e a matéria, lugar onde todas as ideias e sonhos são gerados, sala de impressão de realidades<sup>49</sup>.

*como estamos nos preparando para atravessar as águas deste*

---

49 'a forma mais primitiva que emergiu do fundo da primeira matéria - a matéria escura [ndobe/piu] - que é a 'sala de impressão' de todas as realidades, não apenas visíveis e invisíveis, mas materiais e imateriais. uma 'sala de impressão' para realidades que foram e realidades por vir. a 'sala de impressão', dentro da qual todas as grandes ideias, imagens e formas emergem para serem fecundadas em nossas mentes. subsequentemente, nós as criamos como realidades'. citação de fu-kiau (2001, p. 141).

*rio? cruzar por estes trilhos? comer destes frutos?* uma voz de mulher me perguntava.

de repente, do outro lado da cabaça vazia, preta vá surgiu, dando uma risada gostosa, requebrando as cadeiras e batendo palmas.

as águas do lago começaram a dançar com preta vá, me levando ao topo de um rochedo, onde vi uma caveira, que me acenava.

soltei a respiração.

enormes samambaias e orquídeas nativas compunham o cenário, onde o mar, antigamente, preenchia todos os espaços vazios, e o caminho mais uma vez me convidava a mergulhar nas águas da transformação.

era o sertão de mariana. cidade dos pássaros e sussurranas. entre pés de jussara e palmeiras, a dança estática dos cactos e das pedras cavadas em espirais no corpo dos montes, a gerar pequenas fontes de água morena.

eu caminhava sem pressa, enquanto o rio me olhava,  
lá debaixo, com suas águas ensolaradas.

foi então que tempo veio e costurou em meu peito, um labirinto de clorofila e seda, todinho enfeitado com flores de **kitembo**<sup>50</sup>.

da terra, começaram a brotar mudas, pequenas árvores, altos arvoredos,  
alguns bem jovens e outros muito velhos.

---

50 'kitembo', conhecido como 'tempo' no candomblé de angola, é nkise que controla o clima, as estações e o próprio sentido de tempo.

acaju, palmeira braba, jacarandá, jatobá,  
barbatimão, embaúba, gameleira, emburana,  
guaçatunga, jequitibá, saboeira, acácia, taruma.

senti na saliva a presença das árvores daquele jardim.  
cada uma delas me revelava o sabor das fibras de seus  
frutos,  
e dentro de suas sementes, os segredos das pedras e  
portas da memória.

meu corpo se retorcia que nem galhos de uma baobá.  
como se a vida fosse uma velha estória que não termi-  
nava nunca, mas se enroscava, enroscava,  
e seguia se enroscando.

então, senti meu sangue transformar-se em seiva,  
saborosa como mel da palma.  
depois, a sensação de uma estranha e vaga lembrança.  
uma memória do corpo que apenas sente e quer viver.

voltei pra superfície das águas pra recuperar o fôlego,  
ainda me lembrando de tudo que o rio tinha dito, e  
pude ver como suas águas se transmutavam em cores  
diferentes, e ao mesmo tempo que eram frias, também  
eram quentes.

de longe, o sino tocava,  
ressoando entre a cruz da torre da igreja  
e o firmamento.

estórias de lemba...  
foram as antigas e antigos que nos ensinaram

a caminhar com os pés enraizados na terra  
a cabeça apontando em direção aos céus,  
enquanto os braços alcançam toda a comunidade,  
a perpetuar o antigo conhecimento.

reflorestar o chão com novas sementes,  
para das cinzas, poder renascer.

neste momento de reconstrução de mundos,  
nesse momento de cura e regeneração de nosso corpo  
cosmos,  
nossos corpos comunitários devastados e adoecidos,  
  
a refloresta.

em resposta alquímica às violências que insistem em se  
fazer presentes,  
nos distanciando da memória, da saúde, do equilíbrio  
e da harmonia individual e coletiva,

a refloresta.

é a terra que canta,  
pois então, que escutemos o canto da terra!

\*

de volta ao centro da cidade, fui visitar minha vó.

do fogão a lenha,  
saía um perfume inebriante  
que invadia a cozinha e o quintal...



minha vó, querida,  
por quanto tempo  
tudo haveria de se repetir?

por quanto tempo  
tudo se repetiria?

*makwenda makwiza -  
o que está acontecendo,  
voltará a acontecer...* ela me dizia.

ah... quantas lembranças me trazia o cheiro do figo que saía bulindo do tacho de cobre no fogão de lenha, a invadir a cozinha de vovó naquela manhã de domingo.

as plantas de seu jardim reluziam à luz do sol,  
contrastando com a cor mineral dos montes que emolduravam a cena,  
no frescor da nova primavera.

e ela saía andando,  
cantarolando  
pelo terreiro afora,  
molhando suas plantas e memórias...

e enquanto  
o trem passava carregado de minério,  
em seu quintal vovó regava suas suculentas e o ipê amarelo.

alguns dizem que o reino mineral não tem vida,  
mas foi o rio que disse pro trem, que passava:

*escutai as montanhas,  
enquanto existem,  
enquanto falam,  
enquanto estão,  
enquanto são.*

dilatam-se as linhas do trilho, entre apitos e cantos, do encontro, do encanto, do metal com metal expandido em toda consciência, no balanço do tempo a acalmar nossas águas, que voltam a seguir tranquilas em seu leito, enquanto o fluxo de memórias se desfazem - o corpo livre a transbordar.

o trem foi diminuindo o compasso marcando o ritmo  
no contra peso das rodas,  
nos trilhos de aço.  
chegamos.

dando seu longo e vaporoso apito,  
o trem se acalmou e eu respirei com tranquilidade,  
de volta a meu passo.

chego em casa e olho pra fora da janela. lá do alto do rosário, os sinos replicam em sua costumeira cadência, emanando vibrações positivas pro rio, pras montanhas e toda a paisagem ao seu redor. pra todas as águas que repousam sobre mim. sobre nós.

e enquanto escrevo em minha casa, à beira do ribeirão do carmo, ao som dos grilos e animais que cantam pela noite, mulheres krenak dançam as águas do rio doce, com pés descalços, na mata.

assim, a noite passa.  
dança o sol e as águas, no ventre da madrugada.

e quando voltar a amanhecer, tudo se repetirá, mais  
uma vez,  
até que o tempo volte a girar...



+

*watu* (rio doce)  
*kruk-tá* (nasce)

*watu* (rio doce)  
*kruk-tá* (nasce)  
*münhang* (água)

*am-mbruk* (acende a luz)  
*taru-di-pó* (o sol)

*nu mérek* (nos abraçamos)

*watu* (rio doce)  
*thang* (sonha)  
*taru-temung* (no pôr do sol)

*watu* (rio doce)  
*taru anték* (a dançar)  
*ketom uê kân* (espelho)  
*münhang ju* (derrama água)  
*kang on merorrot* (despertando)  
*munhak guiü tonton* (a lua nova)  
*münhang-e-rék* (o mar)

+

## referências bibliográficas

aparecido, douglas. manifesto ou(t)ro preto. *ciberdúvidas da língua portuguesa*, 9 jan. 2017. disponível em: <http://terreirodegriots.blogspot.com/2017/01/manifesto-ou-tro-preto.html?m=1>. acesso em: 15 ago. 2023.

bâ, amadou hampâté. a tradição viva. in: ki-zerbo, joseph (org.). *história geral da áfrica i: metodologia e pré-história da áfrica*. brasília: unesco 2010.

canal do noguera. sobre tecnologia griot. youtube, 21 out. 2020. disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MfY6o-KUr7U>. acesso em: 15 ago. 2023.

costa, rafael a. poder feminino: mulheres brancas, negras e mestiças nas minas gerais do século do ouro henrique. in: villalta, luiz carlos; antunes, priscila brandão (org.). *pesquisa e produção de material didático para o ensino de história do brasil colonial e república*. belo horizonte: departamento de história, ufmg, c2007. disponível em: [https://www.fafich.ufmg.br/pae/colonia/orientacoes/mulheres\\_mg.pdf](https://www.fafich.ufmg.br/pae/colonia/orientacoes/mulheres_mg.pdf). acesso em 18 ago. 2023.

cráton são francisco. in: *wikipédia, a enciclopédia livre*. flórida: wikimedia foundation, 2023. disponível em: [https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=cr%C3%A1ton\\_s%C3%A3o\\_francisco&oldid=65567169](https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=cr%C3%A1ton_s%C3%A3o_francisco&oldid=65567169). acesso em: 15 ago. 2023.

cinha, c. j.; suszczynski, c.a. *cia. minas da passagem*. mariana: cmp, v. 3, 1978.

diabaté, massa makkan. *janjon et autres chantes populaires du mali*. paris: présence africaine, 1970.

duarte, beatriz p. *contribuição ao estudo da geologia do corpo de minério fundão do depósito aurífero de passagem, mariana, mg*. 1991. dissertação (mestrado em geologia) – instituto de geociências, universidade federal do rio de janeiro, rio de janeiro, 1991.

fleischer, ronald; routhier, pierre. the “consanguineous” origin of a tourmaline-bearing gold deposit; passagem de mariana (brazil). *economic geology*, v. 68, n. 1, p. 11–22, 1973.

fu-kiau, andele kia bunseki-lumanisa. *the muKongo and the world that surrounds him* [n’kongo ye nza yakun’zungidila; nza-Kôngo/ Le Mukongo et le monde qui l’entourait]. tradução de zamenga batukezanga. kinshasa: national office of research and development, 1969.

fu-kiau, andele kia bunseki-lumanisa. *african cosmology of the bantu-kongo: principles of life and living*. 2. ed. new york: athelia henrietta, 2001.

fu-kiau, andele kia bunseki-lumanisa. *self-healing power and therapy: old teachings from africa*. clifton: african tree, 2001.

furtado, júnia ferreira. mulheres escravas e forras na mineração no brasil, século xviii. *revista latinoamericana de trabajo y trabajadores*, n. 1, p. 1-49, nov. 2020/abr. 2021.

galeano, eduardo h. *as veias abertas da américa latina*. tradução de sergio faraco. porto alegre: l&p, 2012.

iphan. o toque dos sinos em minas gerais – tendo como referência são joão del-rei e as cidades de ouro preto, mariana, catas altas, congonghas do campo, diamantina, serro e tiradentes. *dossiê descritivo*. Brasília: iphan, 2009. disponível em: [http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossie%20toque%20dos%20sinos\(1\).pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossie%20toque%20dos%20sinos(1).pdf). acesso em: 18 ago. 2023.

kielela, rose mara. *provérbios em panelas*. Brasil, 9 jul. 2022. instagram: @rosemarakielela. disponível em: <https://www.instagram.com/p/Cfz8yvbLXQ6/>. acesso em: 15 ago. 2023.

kilomba, grada. *memórias da plantação* – episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: cobogó, 2019.

macgaffey, w. *religion and society in central africa: the bakongo of lower zaire*. Chicago: University of Chicago Press, 1986.

machado, adilbênia freire. *ancestralidade e encantamento como inspirações formativas: filosofia africana mediando a história e cultura africana e afro-brasileira*. 2014. 240 f. dissertação (mestrado em educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.

macro-jê. in: *wikipédia, a enciclopédia livre*. Flórida: Wikimedia Foundation, 2023. disponível em: <https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=macro-j%C3%AA&oldid=66776503>. acesso em: 14 out. 2023.

maia, moacir rodrigo de castro. *de reino traficante a povo traficado: a diáspora dos courás do golfo do Benim para Minas Gerais (América Portuguesa, 1715-1760)*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2022.

maia, moacir rodrigo de castro. *reforçar a identidade e a autoridade: as casas de courás libertos em Vila Rica e Mariana no século XVIII*. Publicação Afro-Ásia, n. 62, p. 9-45, 2020. disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/29127>. acesso em 18 ago. 2023.

maïê, mo. *transatlantika*, o livro de areia. Série Árvores, Memórias e Reflorestamentos. Conceição da Feira: Andarilha Editora, 2021.

maïê, mo. *as encruzilhadas do termo griô*. 2021. disponível em: [https://www.academia.edu/49234502/As\\_encruzilhadas\\_do\\_termo\\_Gri%C3%B4](https://www.academia.edu/49234502/As_encruzilhadas_do_termo_Gri%C3%B4). acesso em 18 ago. 2023.

mott, l. o calundu-angola de Luzia Pinta: Sabará, 1739. *Revista do Instituto de Arte e Cultura*, Ouro Preto, n. 1, p. 73-82, dez. 1994.

moura, Waldemar de. *lendas marianenses*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1967.

onicóforos. *blog natureza de mármore*, 12 jan. 2018. disponível em: <https://naturezademarmore.blogspot.com/2018/01/onicoforos.html>. acesso em: 15 ago. 2023.

pedrosa-soares, Antônio Carlos; Voll, Eliane; Cunha, Edson Campos (org.). *recursos minerais de Minas Gerais: história geológica de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Companhia de Desenvolvimento de Minas Gerais (Codemge), 2018. disponível em: <http://recursomineralmg.codemge.com.br/historia-geologica-de-minas-gerais/>. acesso em: 15 ago. 2023.

pinheiro, fernanda aparecida domingos. modos de sociabilidade: os couranos em uma nova terra. in: mollo, helena miranda; silveira, marco antonio (org.). *termo de mariana: história e documentação*, v. 3. ouro preto: ufop, 2010.

pinto, makota valdina. *meu caminhar, meu viver*. salvador: sepromi, 2015.

porto, helânia thomazine. a importância dos griôs na socialização de saberes e fazeres na cultura. *portal grupo de pesquisa em comunicação ppgcc-unisinos*, v. 1, p. 1 – 6, 2016.

prefeitura municipal de mariana. *dossiê de tombamento conjunto paisagístico e arqueológico – morros santana e santo antônio*. mariana: prefeitura municipal de mariana, 2008.

ramos, rui. a língua kimbundu: regras da principal língua nacional de angola. *ciberdúvidas da língua portuguesa*, 1 ago. 1997. disponível em: <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/outros/diversidades/a-lingua-kimbundu/351>. acesso em 15 ago. 2023.

saberes tradicionais ufmg. *retrato da mestra makota valdina*. youtube, 2 mai. 2019. disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FAc4CJr4qtM>. acesso em: 15 ago. 2023.

santos, tiganá santana neves. ressonâncias e ontologias outras: pensando com o pensar bantu-kongo. *trans/formação*, v. 45, n. spe, p. 149–168, 2022.

santos, tiganá santana neves. *a cosmologia africana dos bantu-kongo por bunseki fu-kiau*: tradução negra, reflexões

e diálogos a partir do brasil. 2019. tese (doutorado em estudos da tradução) – faculdade de filosofia, letras e ciências humanas, universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

souza, francielle de. mariana: uma história com a mineração. *jornal a sirene*, 29 nov. 2017. disponível em: <https://jornalasirene.com.br/olhar-de-fora/2017/11/29/mariana-uma-historia-com-mineracao>. acesso em: 15 ago. 2023.

souza, victor martins de. *a aljava e o arco*: o que a áfrica tem a dizer sobre direitos humanos – um estudo da carta mandinga. 2018. tese (doutorado em história) – faculdade de ciências sociais, pontifícia universidade católica de são paulo (puc-sp), são paulo, 2018.

termo griô: conceito, história, tradição e reinvenção. *página grãos de luz e griô*. disponível em: <http://graosdeluzegrio.org.br/acao-grio-nacional/o-que-e-grio/>. acesso em 20 out. 2023.

uatu, o rio doce do povo krenak, um rio de vida que morre. *portal greenme*, 27 nov. 2015. disponível em: <https://www.greenme.com.br/informarse/60078-uatedo-rio-doce-do-povo-krenak-um-rio-de-vida-que-morre/>. acesso em: 15 ago. 2023.

umbangu por rose mara kielela. página do instagram: @rosemarakielela. disponível em: <https://www.instagram.com/rosemarakielela/>. acesso em: 15 ago. 2023.

young, jason. *rituals of resistance*: african atlantic religion in kongo and the lowcountry south in the era of slavery. baton rouge: louisiana state university pr\_\_ess, 2007.



## sobre a autora

**mo maiê** é musicista, arte-educadora e pesquisadora da música do transatlântico afroameríndio.

escritora, artista visual e performer, no decorrer de sua caminhada desenvolveu diversos trabalhos em parceria com artistas, redes criativas e comunidades no brasil, áfrika, oriente médio, ásia e europa.

é idealizadora da plataforma criativa djalô música nomad, focada em pesquisa e arte educação, sob o viés do reflorestamento cultural, afrocentricidade, saúde/fortalecimento da mulher e reverência às nossas culturas originárias.

©mo maiê, 2023.  
©andarilha edições, 2023.

a reprodução parcial deste livro sem fins lucrativos, para uso privado  
ou coletivo, em qualquer meio impresso ou eletrônico está  
autorizada, desde que citada a fonte.

## ficha técnica

### *mestras e mestres dos saberes*

mmestra rosângela  
mestra viviane  
mestre elias  
mestra thais  
mestre carlos eduardo

### *revisão e edição*

maíra vale

### *projeto gráfico e diagramação*

deisiane barbosa

### *revisão final*

crislane rosa

### *ilustrações e capa*

mika raiz

### *fotografias*

mo maiê  
pollyanna assis

### *encadernação*

luana oliveira

### *equipe audiovisual*

leandro rodrigo  
luara osupa  
mo maiê  
pollyanna assis

### *transcrições*

mo maiê

### *produção cultural e executiva*

pollyanna assis

*coordenação financeira*  
júlia mysko

*estruturas e viagem*  
toni claret

*redes sociais e mídias*  
paula teodoro  
mo maiê

*planejamento de comunicação*  
nicolas gomides

*realização*



### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

maiê, mo

Mariana, o livro dos minerais / Mo Maiê ; ilustração Mika.  
-- Conceição da Feira, BA : Andarilha Edições, 2023. -- (Árvores  
memórias e reflorestamentos ; 3).

ISBN 978-65-84611-11-5

1. Comunidades tradicionais 2. Histórias de vidas 3. Literatura  
brasileira - Miscelânea 4. Memórias 5. Minas Gerais (Estado) - As-  
pectos culturais I. Mika. II. Título III. Série.

23-174458

CDD-B869.8

### Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura brasileira : Miscelânea B869.8  
Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

este livro foi composto em tipografia ibm plex serif, no corpo, e  
capsula, nos títulos. uma publicação da andarilha edições, produzida  
na casamendoeira, em parceria com o ateliê alinhavos.  
1ª edição / recôncavo da bahia / novembro 2023.

exemplar nº



povoado do cruzeiro, zona rural  
44320-000, conceição da feira – ba  
[www.andarilhaedicoes.com.br](http://www.andarilhaedicoes.com.br)  
[andarilhaedicoes@gmail.com](mailto:andarilhaedicoes@gmail.com)  
[@andarilhaedicoes](https://www.instagram.com/andarilhaedicoes)





andarilha